CENTRO UNIVERSITÁRIO DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GESTÃO DO CONHECIMENTO NAS ORGANIZAÇÕES

VALDELICE DOS ANJOS RASIMAVIKO REJANI

# O PAPEL DO MEDIADOR PARA A CONSTRUÇÃO E GESTÃO DO CONHECIMENTO EM ESPAÇO MUSEAL

MARINGÁ
2017

VALDELICE DOS ANJOS RASIMAVIKO REJANI

# O PAPEL DO MEDIADOR PARA A CONSTRUÇÃO E GESTÃO DO CONHECIMENTO EM ESPAÇO MUSEAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Gestão do Conhecimento nas Organizações do Centro Universitário de Maringá (UNICESUMAR), como requisito à obtenção do título de Mestra em Gestão do Conhecimento nas Organizações.

Orientadora: Drª. Regiane da Silva Macuch.
Coorientador: Dr. Paulo Marcelo Ferraresi Pegino.

MARINGÁ
2017

VALDELICE DOS ANJOS RASIMAVIKO REJANI

# O PAPEL DO MEDIADOR PARA A CONSTRUÇÃO E GESTÃO DO CONHECIMENTO EM ESPAÇO MUSEAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão do Conhecimento nas Organizações do Centro Universitário de Maringá, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Gestão do Conhecimento nas Organizações pela Comissão Julgadora composta pelos membros:

COMISSÃO JULGADORA

_____
Profª. Drª. Regiane da Silva Macuch
Centro Universitário de Maringá- Unicesumar

_____
Profª. Drª. Letícia Fleig Dal Forno
Centro Universitário de Maringá- Unicesumar

_____
Profª. Drª. Debora de Mello Gonçales Sant'Ana
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Aprovada em 16 de fevereiro de 2017.

.

**FICHA CATALOGRÁFICA**

R874p

**REJANI,**Valdelice dos Anjos Rasimaviko

**O Papel do Mediador para a Construção e Gestão do Conhecimento em Espaço Museal.** Valdelice dos Anjos Rasimaviko Rejani.Maringá-PR.: UNICESUMAR,
2017.
92p.

**Mestrado em Gestão do Conhecimento**
**Contém: Figuras**

Orientadora: Profa. Dra. Regiane da Silva Macuch
Coorientador: Prof. Dr. Paulo Marcelo Ferraresi Pegino

1. Mediação em Museu. 2. Aprendizagem. 3. Gestão Interdisciplinar do Conhecimento.
4. Espaço Museal.I. Título. UNICESUMAR.

CDD
22ª. 378
NBR 12.899 – AACR2

**João Vivaldo de Souza – BibliotecárioCRB-9/1807**
**Biblioteca Central Unicesumar**

# AGRADECIMENTOS

A Deus pelos livramentos e milagres operados desde a prova de seleção até esta etapa de minha vida.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Gestão do Conhecimento nas Organizações do Unicesumar pelos valiosos ensinamentos, em especial à professora Regiane Macuch, por todo conhecimento partilhado e por tanta paciência para me ouvir e pelos conselhos que foram, muitas vezes, seguidos a risca, o que tornou possível chegar até essa conclusão, eterna gratidão.

Aos colegas do Mestrado pela amizade, apoio e companheirismo.

À equipe do Museu Histórico Unicesumar pelas informações prestadas.

Ao meu esposo por me apoiar nesta jornada. Aos meus pais por abdicarem de muitos sonhos para que meus irmãos e eu prosseguissemos com os estudos.

Agradecimento especial à minha mãe e minha sogra por cuidarem tão bem da minha filha, propiciando a mim a segurança do bem estar da minha “kiança”.

Muito obrigada!

**O tempo**

A vida é o dever que nós
trouxemos para fazer em casa.
Quando se vê, já são seis horas!
Quando se vê, já é sexta-feira!
Quando se vê, já é natal...
Quando se vê, já terminou o ano...
Quando se vê perdemos o amor da nossa vida.
Quando se vê passaram 50 anos!
Agora é tarde demais para ser reprovado...
Se me fosse dado um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio.
Seguiria sempre em frente e iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas...
Seguraria o amor que está a minha frente e diria que eu o amo...
E tem mais: não deixe de fazer algo de que gosta devido à falta de tempo.
Não deixe de ter pessoas ao seu lado por puro medo de ser feliz.
A única falta que terá será a desse tempo que, infelizmente, nunca mais voltará.

(Mário Quintana)

## SUMÁRIO

**1 INTRODUÇÃO** ..... 11
**2 REFERENCIAL TEÓRICO** ..... 15
2.1 A GESTÃO INTERDISCIPLINAR DO CONHECIMENTO E AS ORGANIZAÇÕES ..... 15
**2.1.1 Conhecimento e interdisciplinaridade** ..... 16
**2.1.2 Interdisciplinaridade e gestão do conhecimento nas organizações** ..... 20
2.2 MUSEUS: ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM, CONSTRUÇÃO E GESTÃO DO CONHECIMENTO ..... 23
**2.2.1 O museu como espaço de educação não formal** ..... 25
2.3 HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E ESPAÇO MUSEAL ..... 27
2.4 MUSEU: AMBIENTE HIBRIDO ..... 29
2.5 A MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO EM AMBIENTES MUSEAIS ..... 31
**2.5.1 A função da mediação** ..... 31
**2.5.2 O papel do mediador** ..... 33
**2.5.3 A necessidade de formação para mediar** ..... 34
2.6 A MEDIAÇÃO EM ESPAÇO MUSEAL PELA PERSPECTIVA DA GESTÃO INTERDISCIPLINAR DO CONHECIMENTO ..... 35
2.7 MARINGÁ E SEUS MUSEUS ..... 37
**2.7.1 Maringá - cidade planejada** ..... 37
**2.7.2 Os museus de Maringá** ..... 38
**3 METODOLOGIA** ..... 41
3.1 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS ..... 41
3.2 PERCURSO METODOLÓGICO ..... 42
3.3 CARACTERIZAÇÃO DO MUSEU HISTÓRICO UNICESUMAR ..... 43
**4 RESULTADOS** ..... 46
4.1 ENTREVISTA COM A EQUIPE DO MUSEU HISTÓRICO UNICESUMAR ..... 46
4.2 PROJETO DE ENSINO “MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA EM MUSEUS” ..... 60
**4.2.1 Relatos de experiências das participantes sobre o projeto de ensino** ..... 61
4.3 EXPOSIÇÃO “PROTAGONISMO OU LOUCURA” A PARTIR DA PERSPECTIVA DA CRIANÇA ..... 62
**4.3.1 A experiência da mediação da exposição** ..... 63
4.4 VISITA AO MUSEU OSCAR NIEMEYER E MUSEU PARANAENSE ..... 65
**4.4.1 Relatos de experiências das visitas aos museus** ..... 66
4.5 DISCUSSÃO ..... 67
**5 CONSIDERAÇÕES FINAIS** ..... 71
**REFERÊNCIAS** ..... 73
**ANEXOS** ..... 84
**APÊNDICES** ..... 89

# LISTA DE FIGURAS

Figura1-Vista frontal do Prédio principal do Museu Unicesumar – História de Maringá.....44
Figura 2-Tulha Cafeeira.....44
Figura 3-Casa do Pioneiro.....45
Figura 4-Mediação pedagógica da exposição…….....64

## LISTA DE ABREVIATURAS

CIC – Centro Interdisciplinar de Ciências

COCAMAR – Cooperativa Agroindustrial de Maringá

FLIM – Festa Literária Internacional de Maringá

GC – Gestão do Conhecimento

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus

ICOM _ Conselho Internacional de Museus

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MUDI –Museu Dinâmico Interdisciplinar

UEM – Universidade Estadual de Maringá

UNICESUMAR – Centro Universitário de Maringá

## RESUMO

O diálogo entre diferentes áreas do conhecimento possibilita um conhecimento mais conectado e interdisciplinar. A interdisciplinaridade interligada à gestão do conhecimento organizacional, em especial, à gestão museal, permite diferentes pontos de vista em torno de um objeto comum.Visando compreender como esses elementos contribuem para a promoção da aprendizagem e à construção de conhecimento de quem visita o espaço museal, este estudo abordou as práticas educativas em espaço museal e o papel do mediador.Valorizar a história, a memória, o conhecimento e as emoções de quem entra em contato com os acervos museais é priomordial ao papel do mediador. Nessa perspectiva, este estudo de natureza qualitativa, exploratória, descritiva e transversal organizou um breve panorama histórico dos museus de Maringá. Para a coleta de dados, realizou-se entrevistas individuais com a equipe do museu histórico objeto deste estudo e procedeu-se à recolha de depoimentos de outros participantes; organizou-se uma mediação de exposição e um projeto de ensino sobre mediação pedagógica em museus. Para análise dos dados, utilizou-se da Análise de Conteúdo sob a luz do referencial teórico construído. Como conclusão, tem-se que o museu sempre exerceu papel educativo, mas com a figura do mediador oferece maior identidade ao papel que este espaço tem para a gestão do conhecimento em uma sociedade.



**Palavras-chave:** Mediação em museu. Espaço não formal de aprendizagem.Gestão Interdisciplinar do Conhecimento.Espaço museal.

## ABSTRACT

The dialogue among different areas of knowledge enables a more connected and interdisciplinary knowledge. The interdisciplinarity inter connected to a Organizational knowledge management, especially to the museum management, allows different points of view around a common object. Aiming to understand how these elements contribute to the promotion of learning and the construction of knowledge of those who visit the museum, this study addressed the educational practices in the museum space and the role of the mediator. Valuing the history, memory, knowledge and emotions of those who come into contact with museum collections is paramount to the role of the mediator. From this perspective, this qualitative, exploratory, descriptive and transversal study organized a brief historical panorama of the Maringá museums. For the data collection, individual interviews were conducted with the team of the historical museum of the city, which was the object of this study and the testimonies of other participants were collected; An exhibiti on mediation and a teaching project on pedagogical mediation in museums were organized. To analyze the data, we used Content Analysis in the light of the theoretical framework. As a conclusion, it has been that the museum has always played an educational role, butwith the figure of the mediator it offers a greateridentity to the role that this space has for the management of knowledge in a society.



**Keywords:** Museum mediation. Non-formal learning space. Interdisciplinary Knowledge Management. Museum space.

## 1 INTRODUÇÃO

As práticas educativas em espaço museal e o papel do mediador para a construção do conhecimento, bem como as particularidades da aprendizagem em ambiente educativo não formal é o foco deste estudo. Este trabalho corresponde aos requisitos do Programa de Pós-Graduação em Gestão do Conhecimento nas Organizações em aderência à linha de pesquisa “Educação e Conhecimento”.

Pode-se definir o museu como local onde histórias, Histórias e estórias podem ser contadas, recontadas, construídas e reconstruídas. Visitar museus pode proporcionar noções de tempo, memória e a construção do conhecimento sobre a sociedade. O sujeito que conhece e compreende a sua história, a História da sua comunidade e da sociedade em si, passa a reconhecer e respeitar a identidade e a diversidade cultural de seu país (VIANA, 2016; MARANDINO, 2008).

Pelegrini (2016) pontua que a especificidade do museu está relacionada aos elementos tempo, lugar, memória, cultura material e imaterial. Assim, suscitar que o espaço do museu possa ser interativo e promotor de aprendizagens leva a crer que a formação do mediador e dos caminhos para a mediação no museu são essenciais para a construção e a gestão do conhecimento.

Trabalhar com práticas educativas em museus é contribuir não apenas para manter viva a história e a cultura da humanidade, mas também como mecanismos para elevar a qualidade dos serviços oferecidos, em especial, aqueles relacionados à mediação e ao papel do mediador. Interagir no museu representa um acréscimo significativo na formação de quem entra em contato com o acervo museológico e se apropria das transformações que ocorrem na estrutura da sociedade.

Enquanto espaços não formais de aprendizagem, os museus apresentam particularidades que contribuem para o domínio intelectual e prático de diversas áreas do conhecimento e para o desenvolvimento do indivíduo e da sociedade como um todo. Neste sentido, este estudo partiu do pressuposto que a mediação adequada ao sujeito que entra em contato com o acervo museológico possibilita aprendizagens mais significativas que favorecem a memória de longa duração, uma vez que estimula a função das emoções e sensações provocadas em seus visitantes.

Assim, visando melhor compreender o papel do mediador em espaço museal, questiona-se: Qual é o perfil do mediador e de que forma esse agente pode atuar para favorecer a construção de conhecimentos nos espaços museais?

Para buscar respostas à problemática identificada foi desenvolvido um estudo qualitativo, de natureza exploratória, descritiva e transversal cujo objetivo geral se volta em compreender o papel do mediador na construção do conhecimento. Neste sentido, refletir sobre o espaço museal, sua função e papel, não possui apenas aspectos de preservação e restauro, mas possibilita o aprendizado interdisciplinar de valor e de rememoração, permitindo a aproximação entre história, memória e educação, sendo estes, aspectos fundamentais para a evolução das sociedades.

Os objetivos especificos do trabalho pautaram-se em: Identificar asestratégias presentes em espaço museal para a construção do conhecimento; reconhecer as principais práticas educativas desenvolvidas em museus, em especial, o Museu Histórico Unicesumar; verificar o papel da mediador para a construção do conhecimento e propor a estimulação de um processo de formação histórica-cultural reflexiva para a formação do mediador museal, objeto final deste estudo.

Deste último objetivo específico foi elaborado um projeto de ensino denominado “Mediação Pedagógica em Museus” com integrantes do mestrado em Gestão do Conhecimento e alunos de graduação em Artes Visuais e Pedagogia, cujo ápice foi a organização e mediação da exposição “Protagonismo ou Loucura” sob a perspectiva de uma criança, como prática dos encontros realizados por meio do projeto de ensino com os graduandos participantes.

A motivação para a discussão da temática se justifica pela necessidade em se transpor o conhecimento fragmentado dentro das organizações educativas, que tão-somente servem para estagnar os processos do aprender com significado. Neste sentido, esta dissertação divide-se em capítulos, sendo o primeiro relativo à apresentação do tema, o problema, os objetivos geral e específicos, a justificativa ora apresentados nesta Introdução.

O segundo capítulo intitulado Referencial Teórico é composto pelos conceitos centrais que subsidiaram este estudo, como conhecimento, interdisciplinaridade e gestão do conhecimento, com ressalva para a importância da gestão interdisciplinar do conhecimento por dialogar com outras áreas do saber, em especial, a educação e pontuar sobre o conhecimento tácito e explícito.

A educação auxilia na compreensão do que a humanidade aprendeu acerca de si mesma, cooperando com a contextualização, a conectividade e a interação entre as pessoas no processo de ensino e aprendizagem. O capítulo aborda também a importância da história, da memória e do conhecimento nos e dos indivíduos relacionando-os aos espaços museais pela capacidade que estes lugares possuem para a troca de experiências, de vivências e de reflexão quanto História da humanidade. Na sequência, o raciocínio teórico se volta para o museu enquanto espaço de aprendizagem e de construção do conhecimento, no qual sua função educativa aparece no sentido de reforçar a comunicação com o público que o visita, já que ele representa espaço de troca e de aprendizagem para além de sua função de preservação histórico-cultural da humanidade. Para Mensch (1992, p.10), a comunicação no museu compreende “todos os métodos possíveis para transferir a informação a uma audiência: publicações, exposições e atividades educativas adicionais”.

Este capítulo segue com a explanação a respeito da mediação do conhecimento em ambientes museais abarcando a importância da mediação ao considerar o contexto no qual transcorre uma visita e do papel do mediador e a necessidade de sua formação para promover aos visitantes aprendizagens significativas, uma vez que ele é quem estabelece o primeiro contato com o visitante.

Outra abordagem que se segue ao capítulo apresenta a cidade planejada de Maringá e seus museus, e em específico, o Museu Histórico Unicesumar,que valoriza a história da cidade e seus pioneiros, para, na sequencia, adentrar a questão de como pode ocorrer a gestão do conhecimento em museus, considerando as particularidades de cada um.

No capítulo 3 apresenta-se a Metodologia do trabalho, delineada com a realização do estudo de caso do Museu Histórico UniCesumar. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas com a equipe do museu, da caracterização do museu e seu acervo permanente. Delineou-se também o relato de experiência dos participantes do projeto de ensino “Mediação Pedagógica em Museus”.

O capítulo 4 apresenta a análise dos dados obtidos por meio da Análise de Conteúdo das entrevistas e dos relatos dos participantes do projeto de ensino. Este procedimento teve o intuito de obter elementos que dessem sustentação a discussão, alinhada ao referencial teórico e a consecução dos objetivos da pesquisa.

Por fim, nas considerações finais, apresentam-se as reflexões sobre a importância da mediação pedagógica em museus ser considerado como elemento integrante para a área da Gestão Interdisciplinar do Conhecimento. Neste sentido, espera-se que este trabalho possa contribuir para reflexões na área, sugerindo um olhar mais atento para a construção do conhecimento para que a experiência de visitação aos museus sirvam tanto para a contemplação dos acervos quanto para o processo de aprendizagem com significado.

Enfatizando que os objetivos geral e específicos:

Geral: **Compreender** o papel do mediador para a construção do conhecimento em espaço museal.

Específicos: **Identificar** os mecanismos presentes em espaço museal para a construção do conhecimento;

**Reconhecer** as principais práticas educativas desenvolvidas em museus, em especial, no Museu Histórico Unicesumar;

**Verificar** o papel do mediador para a construção do conhecimento;

**Propor** a estimulação de um processo de formação histórico-cultural reflexiva para a formação do mediador museal.

# 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Refletir sobre as práticas educativas em espaços não formais de aprendizagens, como museus, implica em compreender o papel do mediador para a construção do conhecimento conectado. Sendo o museu espaço propício para o exercício de mediação interdisciplinar que propicia o estreitamento dos laços entre história, memória e educação, ressalta-se a importância do papel do mediador. Este,utilizará do espaço museal para propor atividades educativas guiadas por necessidades e motivações intrinsecas dos indivíduos que visitam esses espaços (GOHN, 2006).

Além disso, no que tange a gestão do conhecimento em museus, destaca-se que a gestão e o plano museológico devem ser flexíveis o suficiente para abarcar as mudanças de contexto no qual o museu está inserido, no sentido de promover a constância e a evolução do conhecimento construído.

## 2.1 A GESTÃO INTERDISCIPLINAR DO CONHECIMENTO E AS ORGANIZAÇÕES

A abordagemdos conceitos de conhecimento, interdisciplinaridade e gestão do conhecimento ocorre com o intuito de explicitar a importância da gestão interdisciplinar do conhecimento em espaços museais no sentido de promover o conhecimento tácito e explícito, de forma a responder a problemática da pesquisa.

De acordo com Ballone (2008), o conhecimento é um vocábulo oriundo do francês *connaissance* e tem como significado “nascer”. No latim, *cognoscere* se traduz como conhecer, saber, ter noção sobre algo. O conceito de conhecimento não pertence a uma única área do saber, ele transita por distintos caminhos, sempre atendendo a novos paradigmas (GROPPO, 2006). O conceito de conhecimento está neste sentido, atrelado ao de interdisciplinaridade.

Para Celia e Andreazza-Balestrin (2003, p.167) “a interdisciplinaridade é o princípio da máxima exploração das potencialidades de cada ciência, da compreensão de seus limites, mas acima de tudo, é o princípio da diversidade e da criatividade”. O que caracteriza a interdisciplinaridade no entendimento de Fazenda (2001, p. 18) é “a ousadia da busca, da pesquisa [...]”, considerando que é “uma relação de reciprocidade, de mutualidade, que pressupõe uma atitude diferente a ser

assumida frente ao problema de conhecimento, ou seja, é a substituição de uma concepção fragmentária para unitária do ser humano" (FAZENDA, 1979, p.8).

Quando ocorre a integração entre conhecimento e interdisciplinaridade esta união de elementos, contribui para a gestão desse mesmo conhecimento. A gestão do conhecimento engloba vários aspectos, dentre eles, gerir ativos de conhecimento e dos processos que atuam sobre esses ativos, incluindo desenvolver, preservar, utilizar e compartilhar, uma vez que o conhecimento cresce à medida que é compartilhado (SANTOS, 2005).

Neste sentido, questiona-se: **para quê e para quem a gestão interdisciplinar do conhecimento serve e porque adotá-la dentro de uma organização de aprendizagem não-formal?** A resposta a esta questão implica na compreensão de conceitos primordiais sobre conhecimento e sua gestão.

### 2.1.1 Conhecimento e interdisciplinaridade

Conhecimento difere de dados e informações por conter julgamento, implicar em aprendizagem e ser intrínseco ao ser humano, tendo em vista que envolve crenças e compromissos (DAVENPORT; PRUSAK, 1998; GOMES JUNIOR, 2013; NONAKA; TAKEUCHI, 1997).Nonaka e Takeuchi (2008, p. 119) consideram que o conhecimento deve ser gerado em "um ambiente verdadeiramente empático, onde as pessoas se importam com as experiências individuais e genuínas".

Nesse viés, é plausível ponderar sobre os conceitos de conhecimento tácito e explícito, em que aquele remete ao conhecimento que advém da experiência de cada indivíduo, e esse refere ao conhecimento passível de codificação em algo que possa ser utilizado por outros sujeitos e para outros fins. Os dois se complementam à medida que interagem fazendo combinações com valores e regras internas de cada organização (DAVENPORT; PRUSAK, 1998; NONAKA; TAKEUCHI, 2004).

Na linha de abordagem dos referidos autores, uma forma de disseminar o conhecimento organizacional relaciona-se com o compartilhamento das informações, pela troca de conhecimentos tácitos entre os sujeitos que transformam em conhecimentos explícitos, considerando que conhecimento é um fator indispensável nas organizações e para sua obtenção faz-se necessário a interação e o processamento da informação.

O conhecimento leva o homem a apropriar-se da realidade e, ao mesmo tempo, adentrar nela. O conhecimento liberta ao permitir modificações das circunstâncias na humanidade. É preciso conhecer para produzir técnicas e suprir as deficiências humanas, deficiências estas de caráter teórico-metodológico, ou seja, de forma que a ciência seja útil e não somente argumentativa. Para romper com conhecimento estagnado nas organizações é preciso utilizar-se de técnica e de método, uma vez que conhecimento em desenvolvimento contínuo tende a progredir e acumular-se (DESCARTES, 2001; GALLIANO, 2004).

Conhecer é estabelecer uma relação entre a pessoa que conhece e o objeto conhecido. Partindo-se do pressuposto que a origem do conhecimento está no sujeito e não no objeto, há duas formas para se conhecer um objeto, pelos sentidos e pelo intelecto, isto é, por meio da sensibilidade física e mediante o pensamento. No sujeito estão as faculdades de conhecer, o conhecimento começa com as experiências e nenhum conhecimento precede a experiência. No objeto está o começo do conhecimento, ou seja, os conteúdos e as experiências. A experiência oferece conteúdos a serem conhecidos e no sujeito está a faculdade de juízo que junta e separa capacidade e sensibilidade (GALLIANO, 2004; KANT, 2013; RAMOS, 2004).

As concepções acerca do conhecimento têm por origem a capacidade de reflexão do homem, tendo o raciocínio por instrumento exclusivo, denominadas de concepções filosóficas. O conhecimento científico é resultado de investigação metódica e sistemática da realidade, que analisa os fatos e os fenômenos para descobrir suas causas e concluir as leis que os regem (GADDIS, 2003; GALLIANO, 2004; OAKESHOTT, 2004).

Surgida na Grécia Antiga, a Filosofia tornou-se uma das principais marcas da civilização ocidental, vista como o princípio de todos os conhecimentos e como promotora do início científico do conhecimento. O conhecimento se pressupõe por meio de conceitos e princípios, tendo em vista que para toda ciência haverá maneiras para se alcançar a busca pela verdade, a qual está vinculada ao desejo de organização da vida social e individual ou até mesmo política, mas de forma objetiva, sólida e permanente (WISSMANN, 2002).

A Filosofia tem a pretensão de conhecer o todo, investigar os ‘porquês’ da sua lógica, logo, o conhecimento como uma ciência moderna se consolidará diante da realidade das coisas.Wissmann (2002, p. 29) assevera que “a ciência (moderna)

nasce e se consolida como o conhecimento da realidade a partir do estudo das partes e enquanto estudo do ‘como’da realidade”.

Para Bacon (1979), conhecer é sempre ter conhecimento das causas e leis da natureza e a ordem desta, uma vez que a natureza opera conforme uma ordem, um padrão. Na concepção de conhecimento científico existem características fundamentais da ciência, ser real, útil, precisa, relativa e com método.

> O homem é dotado de imensa capacidade de observar, perceber, inventar e reinventar-se constantemente, estando em permanente busca e anseio por um novo saber. Contudo, ao aproximar-se das respostas que procura ao seu redor, depara-se com outras interrogações e inquietações que sempre o motivam a lançar-se mais e mais no campo infinito do conhecimento (VIDAL, 2010, p.17).

Assim sendo, é por meio da interdisciplinaridade que surge a possibilidade de novas respostas. A interdisciplinaridade envolve múltiplas dimensões das áreas do conhecimento e leva a reflexão e a melhor compreensão da realidade. Esta sugere a construção do conhecimento mais contextualizado que oportunize respostas às necessidades do sujeito na busca pelos saberes, sendo peça importantíssima do novo modo de se fazer educação (MEIRELLES; ERDMANN, 2005; VIDAL, 2010).

A interdisciplinaridade chega ao Brasil, no final da década de 1960, como um modismo sem se pensar na carga de dificuldades atrelada à sua realização, a qual Fazenda (1995) chamou de “perfume desse modismo estrangeiro”. Num segundo momento há um avanço em termos dos estudos realizados sobre a temática da interdisciplinaridade. Alguns pesquisadores brasileiros (Fazenda, 1979; Japiassu, 1976; Lück, 1994) passam a repensar a identidade educacional dentro do contexto científico, se diferenciando por assumirem uma atitude interdisciplinar e começarem a discutir o assunto há muito ofuscado e sufocado no país.

Ciência e interdisciplinaridade se conversam, se complementam, somam forças, o que vai ao encontro do que ponderam Pacheco,Tosta e Freire (2010, p.156) sobre a vivência interdisciplinar

> [...] não se propõe anular a essência de nenhuma das disciplinas com as quais entra em contato, pelo contrário, o olhar próprio de cada disciplina continuará existindo, pois dela são buscadas as forças que darão unidade e coerência ao novo, mas esse novo, por sua vez, alimentará mudanças na própria disciplina, ajudando-a também a se desenvolver.

Na concepção de Japiassu (1976), é na reflexão sobre as condições reais que se produzem, se elaboram e se articulam os conhecimentos interdisciplinares com vistas ao estabelecimento de uma convergência para o entendimento e a compreensão de um fenômeno. A atividade interdisciplinar possibilita a incorporação de resultados de diversos especialistas ao fazer uso de instrumentos e técnicas metodológicas de outras áreas do conhecimento.

Fazenda (2002) assegura que o diálogo é a"única condição de possibilidade da interdisciplinaridade" uma vez que provoca integração entre os saberes instigando novas perguntas e com isso novas respostas e uma nova atitude perante a questão do conhecimento, que leva à abertura e à compreensão de aspectos ocultos e aparentemente expressos sobre o **ato de aprender**, colocando-os em questão.

Não apenas estudada, a interdisciplinaridade precisa ser exercida para que conceitos sejam revistos, pois há muitas contribuições significativas advindas da interdisciplinaridade para a construção do conhecimento, uma vez que não ocorre totalmente livre e aleatória, e deve corresponder a uma conformidade de pensamento, uma concordância e um consenso universal. Ou seja, "tanto o conhecimento do senso comum quanto o científico como modalidades diversas de abordagem do objeto, vão provocar um processo de aprendizagem ou de "construção" no sujeito" (WERNECK, 2006, p. 194).

A descrição de Lück (1994, p.62) é que "a interdisciplinaridade corresponde a uma nova consciência da realidade, a um novo modo de pensar, que resulta num ato de troca, de reciprocidade e integração entre áreas diferentes, visando à produção de novos conhecimentos". Esta concepção corrobora para que a gestão interdisciplinar do conhecimento ocorra na interface entre uma e outra área da ciência, construindo saberes com a realidade.

Embora o conceito de interdisciplinaridade seja fundamental, sua compreensão persiste como um desafio aos sujeitos/organizações.O trabalho interdisciplinar é necessário na construção e na socialização do conhecimento, uma vez que por meio dessa socialização se estabelece a relação entre conteúdo e realidade social. Fazenda (1979, p.52) enfatiza que a "interdisciplinaridade é uma forma de compreender e modificar o mundo", assim, torna-se emuma exigência natural e interna das ciências para trazer uma melhor compreensão da realidade (FAZENDA, 1995)."A partir da constatação de que a condição da ciência não está no

acerto, mas no erro, passou-se a exercer e a viver a interdisciplinaridade das mais inusitadas formas" (FAZENDA, 1995, p. 34).

Interdisciplinaridade vive-se, exerce-se exigindo uma nova pedagogia, a da comunicação entrelaçada com uma nova forma de pensar e nova concepção de ensino, por entender que interdisciplinaridade incorpora os resultados/trocas de várias áreas do saber (FAZENDA, 2011; JAPIASSU, 1976).

### 2.1.2 Interdisciplinaridade e gestão do conhecimento nas organizações

Paralelo às noções de interdisciplinaridade e conhecimento, tem-se a Gestão do Conhecimento (GC), que tornou-se em um processo amplo e criterioso na busca de identificação, maximização, codificação e compartilhamento do conhecimento, devido às imensas possibilidades de acesso, processamento e armazenamento de dados e informações (NONAKA; TAKEUCHI, 1997).

A GC tem pelo menos três origens, nos Estados Unidos, no Japão e na Suécia, cada país abordando-a sob diferentes perspectivas. Nos Estados Unidos a GC avalia o conhecimento para condução dos negócios, pensando na criação, compartilhamento e transferência do conhecimento. No Japão, desde 1980, há uma preocupação com a inovação e o conhecimento. Pesquisadores como Ikujiro Nonaka e HirotakaTakeuchi valorizam os ativos intangíveis, conhecimento tácito e explícito nas organizações. Na Suécia, as preocupações se voltavam para a formação de estratégias baseadas em competência, valorizando o conhecimento dos funcionários das organizações para uma gestão por competências (SVEIBY, 2001).

Lacombe e Heilborn (2008, p. 492) explanam que "conhecimento organizacional, consiste na soma de tudo o que todos em uma empresa conhecem e que confere à empresa sua vantagem competitiva".No Brasil, este campo da GC é bem recente, e, embora as organizações tenham percebido a importância em se desenvolver uma postura para o aprendizado que priorize a aquisição, armazenagem, processamento e, principalmente a disseminação e uso da informação e do conhecimento, ainda há poucas iniciativas de gestão de conhecimento (TEIXEIRA FILHO, 2000; SANTOS, 2005).

Pautado na visão de Santos (2005), Bem e Ribeiro Júnior (2006, p.78) explanam que "para que o conhecimento flua dentro da organização, e para que a

gestão do conhecimento funcione efetivamente é necessário criar um ambiente favorável [...]" para que assim as organizações não sejam apenas locais onde se produz, mas locais onde se pensa (NONAKA; TAKEUCHI, 1997). A gestão do conhecimento precisa se compatibilizar com as especialidades e experiências de cada colaborador, contribuindo para sua motivação, produtividade e desenvolvimento. Para tal, é preciso que as organizações beneficiem-se das competências e das experiências de seus profissionais, ou do ativo intelectual.

A gestão interdisciplinar do conhecimento pode, também, contribuir para a reorganização das formas de gerenciamento dos contextos educativos. Essa forma de gestão estabelece ligação entre as interfaces estruturadas anteriormente na organização e a visão interdisciplinar de aplicação do conhecimento. A gestão interdisciplinar possibilita a tomada de decisões mais precisas e promove mudança de atitudes com maior grau de responsabilidade em favor do bom gerenciamento do capital intelectual nas organizações (BELLUZZO, 2011; MOLINA; VALENTIM, 2014; SOUZA, 2006; TERRA, 2001; ZABOT; SILVA, 2002).

Neste sentido, o capital intelectual de uma organização está ligado pela memória organizacional, ou seja, o fluxo de informação gerado por uma instituição enquanto resultado de suas práticas individuais e coletivas e pelo que está por ser construído, através da capacidade de criar em seus estudos na área e inovar dentro da organização.

Na concepção de Belluzzo (2011, p. 69) a gestão interdisciplinar é:

> Multiplicar competência individual e competência coletiva; diminuir a influência de paradigmas indesejáveis; dividir e compartilhar experiências; somar as percepções das pessoas, o processo de multiplicação compreende o conhecimento da cultura organizacional e dos valores e novas políticas de ação, requerendo, para tanto, a existência de um processo de aprendizagem de conceitos e posturas exigidos pelo ambiente.

Nessa ambiência, a gestão interdisciplinar compreende uma adequada visão e compreensão das identidades pessoais e coletivas das organizações, elaborando um raciocínio sistêmico que ajudará na tomada de decisões e na concepção de comportamentos estratégicos. Ações de integração, interação e interrelação entre pessoas e organizações favorecem o incremento de novas ideias. Trabalhar de forma interdisciplinar contribui para a construção de novos conhecimentos, logo, contribuirá para a sistematização dos conhecimentos já construídos (BELLUZZO,

2011; PAVIANI, 2008). Nesse caminho, a utilização do **diálogo** para o aprender e para o construir e reconstruir o conhecimento é fator preponderante.

Assim, deve-se respeitar e estimular o aprendizado coletivo, tornando o ambiente de trabalho acolhedor, considerando que os relacionamentos estimulam e transformam a vida na organização e representam uma atitude inteligente, respeitosa e adequada por parte dos gestores educacionais (BLATTMANN, BORGES, BERNARDES, 2002). Sendo estes mesmos elementos essenciais para a mudança e a inovação e que corroboram para formar na organização uma sociedade do conhecimento e de aprendizagem, onde a construção do conhecimento se alicercena capacidade de adaptação dos seus membros às mudanças e na capacidade de aprender autonomamente uns com os outros, para que então, uma sociedade mais equitativa possa ser construída (BAUTZER, 2009; HARGREAVES, 2003).

Tais perspectivas podem ser alcançadas pela educação uma vez que a mesma “pode ajudar-nos a compreender o que a humanidade aprendeu acerca de si mesma, pode ajudar-nos a contextualizar a nossa existência, pode ajudar a prepararmo-nos para a mudança ou para decidir sobre o nosso próprio futuro” (CARNEIRO, 2001, p.51). Vale ressaltar que a aprendizagem não ocorre apenas centrada nos moldes formais de ensino, mas transita pelos contextos não formais e informais onde também ocorre a conectividade e a interação entre as pessoas (COUTINHO, LISBÔA, 2011).

Neste sentido, Fazenda (1979, 1995, 2001, 2002, 2008, 2011), identifica em muitos professores o prazer pelo conhecimento e pela pesquisa, assim como o comprometimento com relação aos conhecimentos de seus alunos. Esses professores ousam estudar e refletir sobre novas técnicas e modos de ensino, escolhendo as melhores para utilização em sala de aula.

Nestes diferentes contextos e espaços de aprendizagem e de construção do conhecimento, incluem-se os museus, foco deste estudo. A função educativa dos museus permite que essas instituições sejam mais dialógicas, o que é cada vez mais buscado nos processos de construção e gestão de conhecimentos para serem mais abertos e interativos.

É coerente ressalvar que o mediador deve estar pautado no objetivo do museu, levando em conta o programa educativo que deve ser construido em

consonância com o projeto curatorial[1]. Considerando que existem diferentes tipos de museus: de arte, histórico, etnológico, de ciências, e cada um deles com objetivos distintos, todos recebem visitantes e todos querem comunicar algo peculiar ao seu público (OROFINO; OLIVEIRA, 2015).

## 2.2 MUSEUS: ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM, CONSTRUÇÃO E GESTÃO DO CONHECIMENTO

O termo museu tem origem do grego *mouseion*, Templo das Musas, filhas de Zeus com Mnemosine, a memória, sendo esta uma das características que contribui por manter vivo um caráter interdisciplinar nos ambientes museais. “Um instrumento para reavaliações, revisões, autoanálise, autoconhecimento e é por este caminho que a memória alcança a identidade, sendo fator chave em sua (re)construção” (SOUZA, 2014, p.91). O que leva a compreensão de que o conhecimento é construido por meio de memórias de um passado consolidado no presente.

A definição de museu evoluiu em linha com a evolução da sociedade, e o ICOM (Conselho Internacional de Museus), desde 1946, atualiza essa definição de acordo com as realidades da comunidade global de museus.E de acordo com os Estatutos do ICOM, aprovados pela 22ª Assembleia Geral em Viena, Áustria, em 24 de agosto de 2007, o museu é uma instituição cultural permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e expõe o patrimônio tangível e intangível da humanidade e do seu ambiente para fins de educação.

O que vai ao encontro do que ponderam Almeida (1997) e Chagas et al. (2010) que espaço museal é capaz de ressignificar a herança cultural estando voltada para o lazer e a educação.

A Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, instituiu o Estatuto de Museus no Brasil, esses espaços estão voltados para “contemplação e turismo, conjuntos e

[1]Projeto curatorial é também educativo e implica a ideia de que há uma narrativa a ser contada, a figura do curador como coordenador de um grupo de trabalho que não só organiza, mas concretiza o evento (o que consequentemente pressupõe um espaço para abrigá-lo) e aquele que cria e, portanto, ativa essa cadeia de acontecimentos: o artista (GISELLE, 2013, online).

coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertos ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento."

Neste sentido,

> [...] a participação no processo de (re) significação cultural é um pleno direito à cidadania, entendimento que situa o público como agente, ator, sujeito participante e criativo do processo de comunicação no museu, e indivíduo exercendo a democracia (CURY, 2007, p. 79).

Para que haja comunicação no museu, na visão de Cury (2007), é preciso incentivar o público a adentrá-lo, e uma vez dentro dele, estimular uma discussão em torno do significado do patrimônio cultural, reafirmando o que se encontra no site do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) que "cada pessoa acolhida por um museu acaba por saber mais de si mesma".

Já na ponderação feita pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) busca formas de implementar uma postura educativa em todas as suas ações institucionais por acreditar que quando as pessoas se reúnem para construir e dividir conhecimentos, entender e transformar a realidade que as cerca, uma ação educativa está sendo realizada, e consequentemente, a construção e a gestão do conhecimento se faz necessária.

Para Moraes (2014) o papel do museu não é de educação,

> [...] porém sua vocação permite aquilo que FalkeDierkin[2] chamam de *freechoicelearning*, o que significa dizer que o conhecimento é construído pelo próprio visitante em atendimento à sua motivação para o aprendizado e, portanto, as suas próprias necessidades e expectativas ( p. 13).

O progressivo reconhecimento dos museus como parte dos hábitos pode "interferir, ideologicamente, na percepção que a população tem de si mesma, da cultura que produz no seu cotidiano para que, assim consciente, possa exercer com plenitude a cidadania" (TAVARES, 2005, p. 49). Destacando-se a relevância desse espaço não formal de aprendizagem para a construção do conhecimento social.

[2]A autora refere-se ao texto de FALK, John H., Lynn D. DIERKING, e Marianna ADAMS. 2006. "Living in a Learning Society: Museums and Free-choice Learning." In A Companion to Museum Studies, editado por Sharon Macdonald, 323-336.Malden: Blackwell Publishing. DOI: 10.1111/b.9781405108393.2006.00025.x

### 2.2.1 O museu como espaço de educação não formal

A Educação formal acontece em âmbito escolar e com a participação do professor cujo ensino e a aprendizagem estão relacionados aos conteúdos historicamente sistematizados e regimentados por leis. A educação informal ocorre em ambiente familiar, na igreja, com amigos, através da interação com grupos sociais, que são carregados de valores e culturas herdadas e que através dessas interações são repassados de um para outro (LANDIM, 2011).

Conceitua-se educação não formal aquela que, regularmente, é realizada fora das esferas do sistema formal de ensino, contudo, não pressupõe a inexistência da formalidade tão pouco substitui a educação formal, pelo contrário, seu caráter é de complementariedade (FRONZA-MARTINS, 2006; GOHN, 2010). A educação não formal é trabalhada de forma diferenciada, cuja busca se volta para o prazer da descoberta e do desafio na construção do conhecimento, bem como é desenvolvida conforme os desejos do indivíduo (CHAGAS,1993; MAARSCHALK, 1988; VON SIMSON; FERNANDES, 2001).

A relação entre a educação formal e a não formal constitui-se pela necessidade de suprir as carências de conhecimento, que para Jacobucci (2008),

> [...] pode-se dizer que os espaços formaisde Educação referem-se aInstituições Educacionais, enquanto que os espaços não-formais relacionam-se com Instituições cuja função básica não é a Educação formale com lugares não-institucionalizados ( p. 57).

A escola é uma institução formal que se organiza com base na realidade social onde está inserida.Nessa perspectiva os espaços não formais são percebidos como complementares ao ensino formal (ALMEIDA, 1997).“São locais fundamentais para o fortalecimento da educação formal e informal [...], por oportunizarem a formação de novos conceitos, a partir de experiências que se somam ao conhecimento individual e coletivo” (SANT'ANA et al., 2008, p.19).

Para efeito de aproveitamento é preciso reinventar o pensamento educativo, possível por meio de experiências com objetos que promovem a motivação para aprender, instigam a curiosidade, a criatividadede forma interativa e lúdica e

direcionam para questionamentos diversos (ALMEIDA, 1997; SANT'ANA et al., 2008), como por exemplo, os museus.

O pensamento educativo é beneficiado pela utilização de metodologias e técnicas específicas e o reconhecimento da existência de relações entre epistemologia, ensino e aprendizagens paralelas ao ensino formal e não formal.O museu precisa ser percebido como “integração da educação formal” e não como extensão da escola. Para tal, as visitas precisam ser planejadas e incluídas numa estratégia orgânica de trabalho museu-escola estimulando uma tendência para espaço dialógico, reflexivo, crítico e construtivo no processo ensino e aprendizagem (ALMEIDA, 2006; ARAÚJO; BRUNO, 1995).

Uma visita ao museu pode ser extremamente proveitosa uma vez que este espaço contribui para melhor compreensão dos conteúdos trabalhados no âmbito escolar, porque promove a motivação para diferentes olhares sobre os conteúdos programáticos, de forma apropiciar uma relação entre teoria e prática revestida de criticidade (CAZELLI, 2003).

Neste sentido, um exemplo desse tipo de relação podeser encontrado nas ações educativas de museus e centros de ciências, onde, pautada nas pesquisas de Marandino (2001), Santos (2015, p. 18) assevera que

> Contribuir com o processo de escolarização dos museus: a questão dessas instituições utilizarem os saberes de referência da escola para o desenvolvimento de suas atividades, afinal, grande parte do público dos museus de ciências provém das excursões escolares, dessa forma há uma tendência a se adequar às necessidades da escola. Posto isso, entende como promissor a interação entre o museu e a escola se a intenção do professor com a visita ao museu for, além da contextualização dos conceitos científicos trabalhados em sala de aula, a ampliação cultural de seus alunos.

As ‘experiências’ presentes nos museus, por estes serem espaços de trocas, de vivências, de reflexão crítica/partilhadada de histórias e locais propícios ao diálogo e a construção do conhecimento, torna possível o preenchimento de lacunas para se refletir sobre o mundo de maneira crítica (PELEGRINI, 2016; SENGE, 2013; SOUZA, 2012).

## 2.3 HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E ESPAÇO MUSEAL

A História é nutrida de indícios que auxiliam na compreensão das ações humanas no tempo e no espaço, e os objetos somente tornam-se documentos na medida em que são assim configurados, pela operação historiadora com vistas à/ construção do conhecimento. A história é a ciência social que estuda o passado da humanidade, que na percepção de Rodrigues (2011, p.19) “enquanto campo de conhecimento e disciplina escolar recebeu o estatuto de ciência com a definição de um método rigoroso de estudar e resgatar a memória do passado”.

Em síntese, a história corresponde aos feitos do passado, e, o conhecimento histórico ocorre pela busca em se compreender o passado para uma explicação de algo no presente, que ocorre pelo desejo do ser humano de saber, conhecer e entender a história (GADDIS, 2003; GALLIANO, 2004). Cabe ressaltar que aprendizagem da história pode ocorrer por meio da mediação entre o público e o museu (WERNECK, 2006).

Sobre a história, Le Goff (2003, p. 29) expõe seu anseio de que “[...] ela deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar os seus erros”, e, salienta ainda, que o objeto da história é singular, uma série de acontecimentos e personagens que só existem uma vez, e embora pareça estar afastada dos acontecimentos de que trata na realidade, no tempo, a história sempre está em sintonia com situações presentes. O que congrega com oraciocínio de Neves e Silva (2005) e Lima (2009) de que a História conduz a estabelecer relações com o tempo e como ciência se constrói atendendo um amplo leque de temas, distribuídos sob vertentes variadas.

Através das experiências/histórias a memória é construída, *lócus* onde são armazenadas informações obtidas através da bagagem conquistada ao longo da vida, isto é a permanência do passado em cada ser humano. Em seu Livro Confissões (2000) Santo Agostinho refletiu sobre o tempo e a memória, explanando que o tempo não pode ser medido e o passado e futuro não existem, somente o presente, que logo se torna passado. O filósofo considera que a memória é algo de fantástico que existe na mente humana.

Compreende-se memória com o sentido lato de ações, objetos e/ou textos que visam, em função das relações de força no momento de sua produção e/ou de sua transmissão, preservar para a posteridade a lembrança de certos

acontecimentos e/ou personagens (SILVA, 2005). Na perspectiva de Nora (1993), os lugares de memória surgem devido a necessidade de acumular vestígios, testemunhos, documentos sobre o passado, que se tornarão provas e registros daquilo que se foi. “A memória é vivida do interior, mais ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive através delas” (NORA, 1993, p. 14). Recordar não é simplesmente reviver o passado, mas reconstruí-lo com o material que se dispõe, e então, representar as coisas do mundo nas experiências do presente (CARVALHO; SOUZA FERNANDES, 2008).

No Dicionário Básico de Filosofia Japiassú e Marcondes ( 2006, p. 183,184) afirmam que “a memória pode ser entendida como a capacidade de relacionar um evento atual com um evento passado do mesmo tipo, portanto com uma capacidade de evocar o passado através do presente”. A memória faz registros para além da imagem e do texto.

Neste mesmo entendimento Nora (1993, p. 9) pontua que “a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivo no eterno presente [...] Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, cenas, censura ou projeções”. A memória tem caráter ressignificador atuando como instrumento capaz de fazer emergir o passado como matéria-prima para a construção do presente (SOUZA, 2014).

As exposições e os conteúdos dos museus, muitas vezes apresentam a ideia do movimento do tempo, e, uma vez que os conceitos de história e memória são construídos recuando-se no tempo, tem-se que os museus são espacos de registro do tempo histórico social.

Nesta mesma abordagem, Fazenda (2008, p. 197) enfatiza que “o conhecimento verdadeiro não menospreza a sua história, sua cultura, as tradições”, a existência das histórias, além das contidas em objetos, estão nas memórias de cada individuo que viveu a história e tem experiências de determinado tempo e contexto.

Nesta perspectiva, o IBRAM apresenta em seu portal que “uma vontade de memória seduz as pessoas e as conduz à procura de registros antigos e novos, levando-as ao campo dos museus, no qual as portas se abrem sempre mais”.

## 2.4 MUSEU: AMBIENTE HIBRIDO

O museu é um dispositivo de comunicação social e cada vez mais pode ser considerado um ambiente hibrido[3], ou seja, o museu físico está tornando um espaço virtual: imagens, vídeos e outras formas de representação, superpostas aos objetos. O museu envolve com diferentes áreas do conhecimento e faz elo com diversas realidadese com todas as formas de saberes, aproximando-se do cotidiano das pessoas de forma física e digital, fazendo contraposição a concepção do museu tradicional (CURY, 2014).

Para o final do século XX, Rivière (1989) apresenta quatro grandes tipos de museus,a saber: Museus de arte e de história; Museus de antropologia; Museus de ciência e museus de tecnologia. Atualmente tem-se considerado outro tipo de museu, o museu interdisciplinar o qual possui diferentes tipos de coleções.

Nos espaços museais, é na museologia e museografia que estão sustentados os campos de conhecimento teórico e prático, sendo aquele de abrangência teórica, que cientificamente trata da construção do conhecimento, e esse a sustentação pela prática museal, não há brechas entre as duas, o que ocorre são formas distintas de conhecimento, havendo reciprocidade entre as duas (CURY, 2014; STRÁNSKÝ, 2008).

Neste contexto, é preciso romper com certas barreiras existentes entre o público e museu, uma delas é a distinção quanto as classes sociais, em que esses espaços potencializam/privilegiam o colecionismo desconectado da sociedade, realçando um caráter etilista das instituições museais. Deste modo, mudar um museu não é alterar suas finalidade. Valente (2003) explana que os espaços museais passam a efetuar diferentes papéis no âmbito do ensino e da aprendizagem, pois são importantes fontes que contribuem para o enriquecimento cultural científico dos indivíduos.

[3] Híbrido, hibridismo, hibridação e hibridização são os atributos que mais freqüentemente têm sido utilizados para caracterizar variadas facetas das sociedades contemporâneas. Essas palavras podem ser aplicadas, por exemplo, às formações sociais, às misturas culturais, à convergência das mídias, à combinação eclética de linguagens e signos e até mesmo à constituição da mente humana (SANTAELLA, 2008, p.1).

> Conhecer os diferentes públicos do museu e suas demandas é extremamente necessário para os estudos museológicos, pois trabalhos desta natureza possibilitam analisar o museu enquanto ferramenta, instrumento ou agente transformador (formação dosentimento de pertencimento, valorização do patrimônio). Intensificar estratégias já elaboradas e formular novas (CHAGAS et al., 2010, p. 64).

Pautado na linha de pesquisa de Chagas (2005), Leite (2006, p.76) ressalta que “o campo museal opera por redes e sistemas, que dialogam permanentemente com outras redes, eliminando de vez a tentativa de modelo único, abrindo leque para a diversidade e a inseparabilidade: corpo e alma, material e imaterial.” Segundo Chagas (2005), os museus não podem perder a capacidade de impactar e de serem transformadores.

É pertinente pontuar que os discursos museológicos precisam acompanhar as transformações sociais e os campos do conhecimento, sendo necessária sua renovação para manter o interesse do público, uma vez que o museu é tido como uma instituição elitizada: ”herança que nos deixou os museus do século XIX sustentado em uma ideia de nação” (CURY, 2014, p.63), portanto, faz-se necessário que o mesmo se abra para outras estéticas como a popular, e traga outros elementos e referenciais a serem considerados (MARTÍNBARBERO, 1997; CURY, 2014; CANDIDO, 2014; MARTINEZ, 2016; VIANA, 2016).

No aprofundamento das visitas aos museus é possível a existênca de certa flexibilidade que permitaaos visitantes enfatizar suas observações a assuntos que achem interessantes e permitamao mediador direcionar seu caminho ao encontro com o aprendizado e com o conhecimento a ser construido. Uma vez que nos museus é possível desenvolver atividades que abordem temas polêmicos e atuais promovendo a participação do público que refletem no imaginário pessoal e coletivo, cuja relação entre teoria e prática permite que a ação educacional seja revestida de criticidade (MORTON, 1990; SCHIELE, 1997).

Pautado no Formulário de Visitação Anual (FVA-2014), uma vez que o formulário de 2016 ainda não foi disponibilizado pelo IBRAM, seguindo os requisitos e metodologia previstos na Resolução Normativa nº 3, de 19 de novembro de 2014, o FVA esteve disponível para preenchimento entre os dias 2 de fevereiro e 30 de abril de 2015, período em que os museus brasileiros informaram seus dados de visitação referentes ao ano de 2014. Quantitativo total de visitação informado:

24.853.648 total de visitas distribuídas em 837 museus, durante o ano de 2014. No Paraná 9 museus foram visitados dentre os 100 mais visitados, sendo que o Museu Oscar Niemeyer foi o mais visitado no Paraná.

Assim, o museu torna-se um espaço de convívio mediado por conhecimentos que podem ser ensinados e aprendidos por meio de momentos de reflexão e crítica sobre os meios, trazendo o outro para a sua perspectiva e aprendendo com ele (RIBEIRO; RIBEIRO, 2011).

## 2.5 A MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO EM AMBIENTES MUSEAIS

O termo mediação é utilizado por Freire (1978) como mediatização em que é compreendida como uma “ponte” entre os seres humanos e o mundo, sendo circulo de cultura uma vez que sua dinâmica supera o imediato no mediado. Já o conceito de mediação em Vygotsky (1998) é tido como o sociointeracionismo em que a ação se dá numa interação sócio-histórica ou histórico cultural, onde a ação humana supõe uma mediação, tal qual a aprendizagem que ocorre com a mediação semiótica ou pela interação com o outro, na interação social.

O termo mediação também é usado quando há uma transmissão de informações e de opiniões entre o mediador de museu e o público, considerando que a mediação museal permite a contextualização do conhecimento auxiliando na primeira leitura dos objetos expostos de forma a integrar com a realidade de mundo de cada visitante. A atuação do mediador possibilita adequar a linguagem aos diferentes públicos de modo que tal prática seja de forma consciente e integradora com as atividades desenvolvidas e que venham a convergir para concretizar a missão educativa domuseu.

### 2.5.1 A função da mediação

A mediação tem vinculo com a concepção de educação que se adota nos museus para nortear suas práticas socioeducativas. A partir da mediação o visitante é estimulado a participar ativamente nas trocas de conhecimentos inerentes à atividade museal, partindo do pressuposto que o visitante tem informações tanto ou mais que o mediador o que pode cooperar para aprendizagem mútua (MARANDINO, 2008).

Convém ressaltar que existem outras formas de mediar além da humana, o que possibilita uma interação/envolvimento sem direcionamento intencional de temas. As telas interativas, placas, totens, tvs, o acervo como um todo permitem um envolvimento no processo de mediação com o que está exposto (HEIN, 1998).

O entendimento do que é aprendizagem apoia-se em diferentes áreas do conhecimento, a mesma ocorre no diálogo constante entre o indivíduo e o ambiente e, para compreendê-la, faz-se necessário considerar o contexto no qual transcorre, que neste caso, em visitas aos museus. Fazer uso de métodos e técnicas diversas possibilitam transformar os instantes de interação entre os atores do processo de visitação dos espaços museais em oportunidades para construir conhecimento de modo diferenciado para atingir a diversidade do público, sem perder a qualidade da informação e mantendo a qualidade das interações humanas estabelecidas (RIBEIRO; RIBEIRO, 2011; ALLEN, 2002).

Uma forma de compreender o papel da mediação é ter conhecimento da importânciade suas especificidades, o museu, especificamente, imprimem para ações educativas neles realizadas. Faz-se necessário que na mediação, entre o conhecimento exposto e o conhecimento do público que visita o museu, os saberes sofram transformações com objetivo que sejam compreensíveis ao público (ALLARD et al.,1996). Morandino et al. (2008) ponderam sobre a necessidade de estabelecer o contato e facilitar a democratização do conhecimento produzido nos museus, construindo conhecimento a partir de situações previstas e não previstas e com os desafios que surgem, o que é uma estratégia de formação e enriquecimento tanto para o mediador quanto para os visitantes.

O museu é tido como o lugar onde os objetos são expostos para compor um argumento crítico, logo, é preciso desenvolver programas que sensibilizem os visitantes para uma maior interação, de forma que haja o envolvimento de uma percepção mais aguçada, crítica e reflexiva para que a construção do conhecimento histórico e cultural ocorra. Enquanto espaço pedagógico, o museu é espaço dedicado ao ensinar e ao aprender tendo as ações educativas como ferramenta que contribui para estreitar a relação do indivíduo com essa instituição e auxilia na criação de consciência histórica e noção de pertencimento à história (FIGURELLI, 2011).

Para que a mediação seja compreensível ao público o mediador precisa ter informações sobre o visitante para que assim possa estabelecer pontes entre os

conhecimentos que os mesmos trazem com eles, permitir a verbalização de idéias, conceitos, dúvidas e inquietações, promovendo a aproximação do que é exposto, levando o visitante a refletir, perguntar, duvidar, ao mesmo tempo em que instiga a curiosidade e o querer buscar outras informações alinhadas com aquelas apresentadas nos museus (ALLEN, 2002; GARCIA, 2006; MARANDINO, 2008; SÁPIRAS, 2007).

O papel primeiro do museu é como espaço de ampliação da cultura, onde novas descobertas e reflexões podem acontecer estimulando a criatividade e ampliar as visões de mundo dos visitantes, sendo uma das características esperadas em um mediador museal (CAZELLI; MARANDINO; STUDART, 2003; ALMEIDA, 1997; VALENTE, 2003).

Para que o museu atenda seu papel pedagógico é preciso que a visita ao museu comece, por exemplo, na sala de aula, em caso de visitas de aluno/escolares, a partir de atividades lúdicas que utilizem materiais do cotidiano, como indícios de práticas que se fazem nas relações sociais. Além de interpretar a história por meio dos livros, é plausível estudá-la por meio de objetos, com respaldo da mediação e assim expandir e aprimorar o conhecimento (RAMOS, 2004).

### 2.5.2 O papel do mediador

Na busca por se compreender a função da mediação em espaços museais faz-se necessário conhecer o mediador, quem é este profissional, quais competências e habilidades necessita desenvolver para auxiliar no desenvolvimento de aprendizagens significativas e para a construção de conhecimentos dos visitantes.

Ao mediador de museu compete desempenhar o papel de carro-chefe uma vez que está em contato direto tanto com as ações que o museu propõe quanto com o público em geral, sendo o primeiro a estabelecer diálogo com o visitante. O mediador é visto como um contextualizador entre o repertório e o público, onde há um encontro sensível, atento ao outro, um encontro coletivo e de cooperação em que a ação una o simbólico e o material, o sensível e o inteligível (NASCIMENTO; CHAGAS, 2008a; MARTINS, 2005).

Ao desempenhar sua função poderá fazer provocações oferecendo subsídios para que o visitante faça análises e, então, ocorra a construção do conhecimento. O mediador deve, ao planejar suas ações e ao realizar a mediação com o público, considerar que este não deve ser exposto a longos períodos de exposição oral, não deve ser submetido à leitura de textos imensos, mas deve, sim, saber se localizar, se sentir à vontade para interagir, podendo dialogar com seus pares e com o mediador (MARANDINO, 2008).

Cabe ao mediador a metáfora da ponte “entre tempos, espaços, indivíduos, grupos sociais e culturas diferentes; ponte que se constrói com imagens e que tem no imaginário um lugar de destaque” (NASCIMENTO;CHAGAS, 2008a, p. 59).

### 2.5.3 A necessidade de formação para mediar

A ação de mediar tem sentido de “provocar,ampliar, despertar, trocar, instigar, motivar/estimular, [...] enriquecer, desenvolver, criar, passar, orientar, diagnosticar, conduzir/levar, apoiar, efetivar, auxiliar, mostrar, objetivar, suprir, conduzir, articular, incorporar, informar” (MARTINS, 2005, p.43).

A formação específica de mediador musealse faz importante para dar sentido ao que está exposto/exibido aos visitantes, para muitos desses o objeto não comunica nada, então, quem fala através dele é o mediador. Esse domínio da linguagem das coisas e da linguagem museal pelo mediador possibilita que o entendimento sobre os objetos e seus significados seja apreendido pelo visitante de forma que isto se agregue aquilo que ele conhece. Esta mediação coopera para a construção de conhecimentos de quem visita os espaços museais.

Geralmente tem-se que o público do museu deve ter uma inserção contemplativa e uma participação passiva, no entanto, para que ocorra a compreensão dos objetos em exposição e suas simbologias, o mediador deve agir, uma vez que para cada visitante isto pode ter diferentes significados em função dos seus arcabouços culturais e suas memórias histórico-afetivas (RIBEIRO; DODEBEI; ORRICO, 2015),

Assim, investir na formação para a mediação é contribuir para que o mediador seja capaz de explorar não só o conteúdo específico do objeto exposto, mas a forma como ele pode ser trabalhado. Para tal, o mediador precisa estar bem informado para trazer o acervo/a exposição para um contexto próximo da realidade do visitante

e, assim, dialogar com os mais diversos públicos a partir de uma comunicação interativa, descontraída e democrática (ALLEN, 2002; GARCIA, 2006).

A formação do mediador propriamente dita está em ressaltar as competências do campo educacional e comunicacional que se entrelaçam na ação mediadora no momento de se relacionar com o público com capacidade de articular e adequar seu discurso para os diferentes públicos (COUTINHO, 2009).

## 2.6 A MEDIAÇÃO EM ESPAÇO MUSEAL PELA PERSPECTIVA DA GESTÃO INTERDISCIPLINAR DO CONHECIMENTO

Discutir sobre interdisciplinaridade no ambiente museal é de fundamental importância para o planejamento de ações claras que agreguem mais valor as práticas museais existentes, que muitas vezes, se orientam pela fragmentação do conhecimento e para realização a longo prazo (DUARTE CÂNDIDO, 2014; CAVALCANTE; PINHO; ANDRADE, 2015). Todavia, cabe a cada museu analisar de que forma o trabalhar com a gestão interdisciplinar pode mudar e qualificar sua prática uma vez que as possibilidades são inúmeras e sempre haverá necessidade de ajustes ao contexto.

O fazer pedagógico musealsob um novo paradigma deve abarcar a interdisciplinaridade para que proporcione uma aprendizagem significativa levando em consideração que é preciso saber como está o capital intelectual dos membros da equipe para fazer uso de certas ferramentas ou tomadas de decisões, considerando que uma situação museal nunca é igual a outra , o que é pertinente aprender a ler as informações contidas no museu para que o mesmo se constitua na conjuntura cultural e social diversa para atender às necessidades museais. (CAVALCANTE; PINHO; ANDRADE, 2015; CURY, 2014; FIGURELLI, 2011; MARTINEZ, 2016; OLIVEIRA, 2013).

Marandino (2013) fomenta que o sistema didático museal expressa as relações entre conhecimento, público e sujeitos produtores dos processos e conteúdos ensinados/divulgados no museu, e que existem dois sistemas didático, o interno e o externo. Aquele é responsável pela produção do discurso expositivo mediante o processo de transposição museográfica, quanto que este refere ao momento da visita pelo público e quando ocorre a transposição didática, ambos estão mergulhados no entorno societal sofrendo influências e sendo regulados pelas

relações de poder estabelecidas entre os agentes e as instituições que participam das instâncias macroestruturais da sociedade.

Nessa linha de abordagem Figuerelli (2011, p.117) destaca que “o museu enquanto um espaço que congrega dados, informações, saberes, teorias, discursos, testemunhos, opiniões, histórias e memórias, tem grande capacidade para mediar processos de construção de conhecimentos”. Assim, a gestão interdisciplinar do conhecimento na perspectiva musealtorna possível unificar o cotidiano do museu ao seu projeto de gestãoeosajustar reciprocamente para a eficiência e a eficácia das ações praticadas. Ponderando que a gestão envolve fundamentos éticos, legais e administrativos, envolver seus atores (público interno e externo), pode fazer com que o sitema organizacional caminhe em direção aos objetivos traçados, aos propósitos do museu e aos interesses do seu público (AAM, 2011; CURY, 2009).

Para gerir um museu, especialmente na contemporaneidade, convém que todos os envolvidos encontrem caminhos singulares para sua ação e tomadas de decisão, levando em conta os conhecimentos técnicos e científicos do campo da museologia. Abranger a forma de utilização dos recursos disponíveis, a eficiência dos processos, os esforços da equipe e procedimentos adotados para ter uma cultura do trabalho comprometida com dimensão pública do museu é uma tarefa constante, uma vez que museu é uma instituição permanente em ebulição (CURY, 2014; DUARTE CÂNDIDO, 2014a).

No que tange a Gestão Interdisciplinar do Conhecimento, o desafio é que o ideal de qualidade em museus é algo que não pode ser definido no singular, porque muitos fatores internos e externos se alteram levando a necessidade de planejamento, considerando-se também que cada museu possui suas especificidades e não seria possível a elaboração de uma “manual” a ser aplicado diretamente em todas as situações (DUARTE CÂNDIDO, 2014a; DUARTE CÂNDIDO, 2014).

Quando os sujeitos individuais e coletivos entendem, internalizam e passam a fazer uso da gestão interdisciplinar do conhecimento começam a compreender a organização de forma globalizada bem como em suas partes, passando assim a promover a mudança de valores no ambiente organizacional em favor do conhecimento coletivo (BLATTMANN; BORGES; BERNARDES, 2002; JUPIASSU, 2006). Em conjunto, todos podem vivenciar ações mais produtivas, e isto, pode

estimular condutas de gestão coerentes com a demanda organizacional e com a realidade social de cada organização (ANTUNES, 2005; BELLUZZO, 2011).

## 2.7 MARINGÁ E SEUS MUSEUS

Maringá é uma cidade dinâmica e sua constante transformação forma um rico material visual, e parte é representada nos museus existentes na cidade. A cidade progrediu e valoriza aqueles que a fez surgir. Seguindo as palavras do ex-prefeito de Maringá Luiz Moreira de Carvalho com gestão de 1964 até 1968,"a cidade que nasceu cantando uma linda canção não poderia ser de outra forma. Teria de prosseguir cantando."

### 2.7.1 Maringá - cidade planejada

Maringá foi fundada pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, a 10 de maio de 1947, como Distrito de Mandaguari, e em 1951 foi elevada a Município e, desde 1987 faz parte das cidades turísticas do Brasil (ACEMA, 1987). Fugindo do nazismo, o padre alemão Emílio Clemente Schererc comprou o primeiro lote de Maringá, de numeração 1/A, em 1938, sendo o primeiro pioneiro da cidade.

Tempos depois surgiu um pequeno povoado, em 1942, que servia como ponto de apoio aos pioneiros desbravadores, área que hoje é chamada de Maringá Velho, porém sua formação não ocorreu de forma precária e desordenada. Assim como o restante da cidade tudo foi obedecendo um planjemanento até chegar no que é atualmente. Pautado em seu conhecimento construído ao longo da experiência de historiador Leal (2011, p. 41) pontua que

> [...] percebe-se a existência de esforços alvissareiros voltados à problematização da história maringaense. Não há mais espaço e clima para repetir velhos clichês solidificados pelo tempo. Acredita-se piamente que através dessa nova geração de pesquisadores a cidade de Maringá terá sua memória valorizada e inserida no devido lugar, com características e especificidades típicas.

É uma tendência natural que o tempo impõe sobre tudo que se passa na sociedade, e uma forma encontrada para manter viva a história de Maringá foi a

inauguração do Museu Historico Unicesumar, em outubro de 2011, criado para contar e conservar a história da cidade e de seus pioneiros.

### 2.7.2 Os museus de Maringá

Considerando que os museus foram conquistando espaço no cenário nacional quanto ao uso de práticas pedagógicas, as formas de efetivá-las mobilizaram estudiosos, pesquisadores e docentes da área educacional e museológica, que passaram a (re) pensar métodos satisfatórios de conciliar o serviço prestado pelos museus de modo que os preservem e que possam ser fruídos em paralelo com a aprendizagem/conhecimento histórico dos públicos que os visitam (FARIA, 2013).

Nessa ambiência, existem oito (8) museus em atividade na cidade de Maringá, sendo eles: 1) Museu da Bacia do Paraná; 2) Museu Dinâmico Interdisciplinar (MUDI) da Universidade Estadual de Maringá (UEM); 3) Museu de Arte Helenton Borba Cortes; 4) Museu de Geologia; 5) Museu do Computador; 6) Memorial Kimura; 7) Museu Cocamar e 8) Museu Histórico Unicesumar.

A primeira casa de madeira construída em Maringá, atualmente comporta o **Museu da Bacia do Paraná** e pertence à Universidade Estadual de Maringá. Sua construção ocorreu em 1946 para ser a residência do administrador da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. O Campus da Universidade não é local original de construção da casa, que conta com 250 metros de área, ela foi levada até lá em 1984, onde foi realizada a inauguração do Museu da Bacia do Paraná. Em seu acervo estão fotografias, publicações, fragmentos vegetais e animais, documentos e utensílios indígenas e aparelhos e equipamentos topográficos.

Resultado do amadurecimento do Projeto de Extensão, Centro Interdisciplinar de Ciências (CIC), que ocorre desde 1985, o **Museu Dinâmico Interdisciplinar** (MUDI) da Universidade Estadual de Maringá (UEM) tem como primeira diretriz à integração da universidade com o ensino fundamental e médio e comunidade em geral, que por meio de ações científicas, culturais e educativas o MUDI consegue promover a integração entre a universidade e a comunidade. No Museu Dinâmico Interdisciplinar vem sendo desenvolvido um significativo trabalho de educação informal e não formal, por meio de visitas, palestras, cursos, programa de rádio, espetáculos teatrais, musicais e eventos, como parte das ações itinerantes do museu (MUDI, 2016).

O **Museu de Arte Helenton Borba Cortes** está instalado no Teatro Calil Haddad, foi criado em 1996 e possui em seu acervo peças/arquivos de jornais, revistas, fotografias, livros, objetos pessoais, quadros, fitas cassete e VHS, entre outros que contam a história da cidade. Abriga o último painel feito pelo artista plástico curitibano PotyLazzarotto, que morreu em 1997. O acervo conta com doações de moradores e fica em exposição periodicamente, espaço com capacidade para 40 pessoas e não possui programação infantil.

No **Museu de Geologia** fica em outro bloco do museu MUDI da UEM onde é possível encontrar acervo científico na área da geologia. Ótima opção para as famílias maringaenses e turistas, incluindo crianças, por despertar a curiosidade e o interesse das mesmas sobre o meio ambiente e a evolução geológica.

O **Museu do Computador da UEM** existe desde 1996 e é um projeto de caráter permanente desenvolvido pelo Departamento de Informática. Possui um acervo expressivo de peças que fornece à comunidade o conhecimento da evolução dos computadores, bem como se propõe a ser um veículo a serviço do processo evolutivo do ser humano, aliando as funções de entretenimento e educação.

O **Memorial Kimura** é um museu rural localizado no distrito de Floriano que compõe o município de Maringá. É um local que remonta a história da colonização japonesa no norte do Paraná e conserva edificações datadas de 1947, como uma escola - a primeira da região - uma tulha de café, área de secagem dos grãos, a antiga casa da família e a casa principal, erguidas pelo patriarca da família Sangoro Kimura

A administração do local é feita ainda hoje pelos descendentes do clã Kimura, que abrem as portas do memorial para visitas escolares agendadas e para grupos previamente definidos. O local abriga uma exposição permanente chamada de "Casa do Colono" que incluem objetos de época, a história de Sangoro Kimura e sua família, e também visitas à primeira escola erguida na região.

Em visita ao **Patrimônio Histórico da Cocamar** o coordenador Reynaldo Costa, na sua humildade, mencionou que prefere chamar de Acervo Cocamar. É um espaço riquíssimo em objetos e fotos que contam a história da Cocamar, que estão perfeitamente preservados. O objetos foram adquiridos por doação dos presidentes, cooperados e funcionários da Cocamar, e alguns objetos efotos são doações de pessoas que indiretamente fizeram parte da história da Coopertiva. A Cocamar

surgiu em 1963 e desde 1977 Reynaldo iniciou sua luta na conservação e preservação da história da Cocamar.

O **Museu Histórico UniCesumar** no intuito de contar e conservar a História de Maringá e de seus pioneiros, em outubro de 2011 foi inaugurado. Multidinâmico por reunir a história, aliada à tecnologia para contar o desenvolvimento da cidade desde o surgimento até a atualidade, conta com três unidades que se complementam: o Museu Interativo, a Tulha da Cafeeira Santo Antônio e a Casa do Pioneiro.

O Museu Interativo, por ser uma obra moderna, conta a História de Maringá com os recursos da tecnologia digital, enquanto que a Casa do Pioneiro, construída originalmente em 1953, preserva as construções e hábitos dos colonizadores, bem como mostra como era a vida de uma família naquela época. Sua decoração é composta de móveis de época com mais de 180 peças antigas oriundas de doações de alguns pioneiros. Pertenceu à família do pioneiro Shozo Arai e localizava-se na Rua Guarani no Maringá Velho, onde teve início a colonização da cidade. Foi restaurada e transferida para o campus do Unicesumar, onde se mantém preservada.

A Tulha da Cafeeira Santo Antônio é um marco de cafeicultura no passado. A edificação em madeira peroba é do ano de 1949 e se localizava na Avenida Mauá, uma das mais tradicionais da cidade. Esteve sob o domínio da Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná de 1965 a 1980, quando encerrou suas atividades. Foi transferida para a guarda do Unicesumar para ser preservada no campus e possui no seu interior objetos, painéis fotográficos e cenários que relembram a época da cafeicultura.

# 3 METODOLOGIA

Estudo de abordagem qualitativa, do tipo exploratória, descritiva e transversal. A abordagem qualitativa se deve ao caráter subjetivo do objeto analisado, estudando as suas particularidades e experiências individuais. A pesquisa qualitativa, na percepção de Silva e Menezes (2005), é considerada desta forma por haver uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito e, o ambiente natural acaba sendo fonte direta para coleta de dados e o pesquisador dispensa o uso de métodos e técnicas estatísticas pela abordagem ser feita de forma descritiva.

Exploratória uma vez que a temática da mediação sob a perspectiva da gestão do conhecimento foi pouco encontrada na literatura científica. A pesquisa exploratória, no entendimento de Gil (1991), propicia maior familiaridade com o problema para torná-lo mais explícito ou para construir hipóteses.

Descritiva por descrever características de uma população ou de um fenômeno, sugerindo relações entre as variáveis. “Os questionários e as observações sistemáticas são técnicas de coletas de dados pertencentes a essa classificação de pesquisa” (ALMEIDA, 2014, p.47). Transversal dado que ocorreu dentro de um período pré-estabelecido entre abril e setembro de 2016.

O projeto passou pelo Comitê de Ética, sendo aprovado com número CAAE 55673316.6.0000.5539, cuja data de início foi em 26 de abril de 2016.

## 3.1 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS

Os procedimentos e instrumentos adotados no estudo foram selecionados com base nos objetivos geral e específicos. Para a **coleta de dados** foram utilizados os seguintes procedimentos: entrevista com roteiro semi-estruturado, observação assistemática, aplicação de questionários, grupo de estudo e intervenção, narrativas.

Pesquisa com coleta de dados permitiu juntar documentos e provas quanto ao tema proposto e agrupar as informações facilitando análise posterior. Para tanto utilizou-se da entrevista com roteiro semi-estruturado por possibilitar que o entrevistador seguisse o roteiro, mas não impedisse o entrevistado de falar sem ordem pre-definida, e o questionário foi utilizado para levantar a opinião e preferência da população, neste caso, a dos visitantes do museu (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Foi feita a observação assistemática para recolher e registrar os fatos da realidade sem que a pesquisadora utilizasse meios técnicos especiais ou fizesse perguntas diretas.

O grupo de estudos foi criado visando estudos teóricos e práticos sobre museus e suas ações educativas, objetivando contribuir com o avanço das práticas educativas no objeto de estudo desta pesquisa. Ao seu término foi elaborada uma exposição como forma de intervenção/participação quanto ao papel do mediador, para cada fase percorrida pelo grupo foram colhidas narrativas sobre a experiência como forma de obtterum *feedback* dos participantes quanto aos procedimentos desta etapa da pesquisa.

Para a **análise dos dados** optou-se pela análise de conteúdo de Laurence Bardin (2009). “A análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática do conteúdo manifesto da comunicação” (BARDIN, 2009, p.17).Desta forma foi feita a sistematização para a elaboração do textodo estudo, que transformou-se nesta dissertação de mestrado.

## 3.2 PERCURSO METODOLÓGICO

Em **primeira etapa** foi realizada pesquisa bibliográfica para compor a fundamentação teórica do estudo com base nos descritores fundamentais para o estudo como construção e gestão do conhecimento, espaço museal, interdisciplinaridade, mediação, papel do mediador, aprendizagem. Servindo de base para as demais fases da pesquisa.

Como **segunda etapa** buscou-se subsídios por meio da pesquisa de campo, como: a) caracterização do Museu Histórico Unicesumar;b) observação assistemática das práticas do museu; c) entrevistas com equipe do museu (diretora, a coordenadora e mediadores) sobre as práticas educativas que desenvolvem e aplicação de questionário para os visitantes. Sendo que retornaram nove (9) questionários respondidos.

As entrevistas realizadas seguiram roteiros semi-estruturados com questões abertas (Anexos 1, 2 e 3), possibilitando que o entrevistado discorresse sobre o tema proposto conforme sua lógica. Foram gravadas 5 entrevistas individuais com a equipe do museu, sendo registradas por aparelho celular e transcritas manualmente.

A entrevista visou conhecer as práticas educativas desenvolvidas no museu para entender a forma de atuação da equipe do museu, em especial, os mediadores.

As perguntas do questionário foram abertas permitindo maior fidelidade nas respostas escritas dos visitantes (Anexo 4).O questionário foi entregue aos visitantes do Museu Histórico Unicesumar ao término das visitas guiadas, e aguardava-se as devolutivas sem intervir nas repostas.

A **terceira etapa** foi a realização do projeto de ensino experimental sobre mediação em museus. Foi informado nas salas do curso de Pedagogia e Artes Visuais sobre o projeto para quem quisesse participar. No decorrer dos encontros semanais foram feitas pesquisas e apresentações de diversos assuntos relacionados a museus. As professoras integrantes do projeto possibilitaram conhecer vários museus e monumentos históricos e histórias sobre museus fazendo visitas/pesquisas *online.* Nos encontros foi feita a organização da exposição com confecção do material a ser usado na exposição bem como lembrancinhas de dobraduras para entregar aos alunos/visitantes, na qual as integrantes do projeto também fariam mediação.

A **quarta etapa** foi a organização e mediação da exposição “Protagonismo ou loucura” pelo olhar de uma criança, e por ultimo, a visita aos museus em Curitiba-PR. A criança apresentou a exposição a partir de objetos que ganhou no decorrer de uma viagem de motorhome com os pais por 16 países com mediação partilhada entre as participantes do projeto de ensino.

A excursão para Curitiba também foi planejada nos encontros do projeto, em que a professora R conseguiu o custeio do transporte. No total foram quinze (15) pessoas, saindo na sexta a noite e retornando no domingo a noite. Foi seguido um roteiro previamente elaborado que no decorrer das visitas sofreu alterações.

## 3.3 CARACTERIZAÇÃO DO MUSEU HISTÓRICO UNICESUMAR

Há muito a instituição museu é reconhecida como espaço de salvaguarda e preservação de uma determinada coleção, bem como de sua exibição para educação e lazer. Essa visão não difere do que preza a missão do Centro Universitário de Maringá- UNICESUMAR, inaugurando, em outubro de 2011, o Museu Histórico de Maringá para contar e conservar a História de Maringá e de seus

pioneiros. Os objetos pertencentes ao seu acervo são marcas da memória histórica de Maringá, como as fotos dos prefeitos da cidade e outros registros da memória de um povo, encarregados pela preservação das obras produzidas pelos moradores/fundadores pioneiros quanto as suas histórias.

Figura 1-Vista frontal do prédio principal do Museu Unicesumar

Fonte:https://www.unicesumar.edu.br/museu/.

É sabido que o museu pretende servir de oficina aos historiadores e de espelho de um mundo ‘desaparecido’ o que é perceptível no referido museu por contar com três unidades que se complementam, museu interativo, tulha cafeeira e casa do pioneiro com objetos que lembram a história da cidade.

Figura 2 - Tulha cafeeira do Museu Unicesumar

Fonte: https://www.unicesumar.edu.br/museu/fotos-externas/.

A Tulha da Cafeeira Santo Antônio é um marco da cafeicultura no passado. A edificação em madeira peroba localizava na Avenida Mauá, sendo em 1948 uma das mais tradicionais. Esteve sob o domínio da Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná e foitransferida para a guarda do Cesumar. Possui no seu interior objetos, painéis fotográficos e cenários que relembram a época da cafeicultura.

Figura 3 - Casa do pioneirodo Museu Unicesumar

Fonte: https://www.unicesumar.edu.br/museu/fotos-externas/.

A Casa do Pioneiro, construída em 1953 na rua Guarani, no Maringá Velho, onde teve início a colonização da cidade, pertenceu à família do pioneiro Shozo Arai. Está decorada com móveis de época que preserva os hábitos dos colonizadores e agrega 180 peças antigas doadas por pioneiros. Há aparelhos de rádio, telefone, máquinas de costura, ferro de passar roupa, louças e peças de roupas, entre outros. Foi restaurada e transferida para o campus do Unicesumar em 2011.

O Museu tem servido como ponto de referência para escolas da região e comunidade. Oferece suporte de informação e realiza exposições fotográficas e de objetos históricos em exposições temporárias. A missão do museu está relacionada compesquisar, conservar e divulgar a história da cidade de Maringá, por meio de pesquisa, ações educativas e procedimentos de salvaguarda, promover o conhecimento por meio da valorização do conhecimento histórico na cidade de Maringá, contribuindo para o fortalecimento da identidade e cidadania.

O atendimento ocorre mediante agendamento quando visitantes em grupo ou conforme chegam os visitantes individuais. O horário de funcionamento é de segunda a sexta, das 8h30 às 12h15 e 14h às 17h30, aos sábado das 10h às 16h.

# 4 RESULTADOS

Para apresentação dos resultados este capítulo foi estruturado em tópicos conforme as etapas descritas na metodologia.

.

## 4.1 ENTREVISTAS COM EQUIPE DO MUSEU HISTÓRICO UNICESUMAR

Nas entrevistas individuais com a diretora e coordenadora do museu as respostas obtidas se complementaram e divergiram em alguns pontos específicos. As primeiras perguntas coletaram informações básicas sobre o museu, como "**Qual a missão do Museu Histórico Unicesumar?".** A diretora informou que "é proporcionar através desse espaço o conhecimento sobre a história de Maringá". Não diferindo do que pontua a coordenadora de que "o nosso museu ele tem o objetivo de preservar e disponibilizar a história da nossa cidade Maringá para o público em geral".

A autora Duarte Cândido (2014) pondera que de acordo com a legislação própria de cada museu a gestão e o planejamento são relevantes para a definição, a visão, missão e o compromisso social deste espaço.

Complementando a questão anterior foi perguntado se **"O que o museu dispõe quanto a equipe, acervo, estrutura física e organizacional para atender os visitantes atinge a missão do museu?".** Ambas afirmaram positivamente e a coordenadora acrescentou que **"**o museu é muito bem cotado, muito bem visitado, e a gente sabe que agrada pelo que se escuta, os depoimentos dos visitantes. O feedback é bem interessante.O visitante tem interesse em regressar."

Desta forma foi questionado **"O que é feito e como é feito para atingir a missão?"** A diretora enfatizou que o museu não existe sem o públicoe que por isso não adianta ter todo um acervo, ter todo um conhecimento se não tem o público. Completou pontuando que

> A primeira coisa seria a disposição para estar explanando a respeito do acervo do museu. As visitas elas são guiadas, necessariamente elas são guiadas. As vezes tem pessoas ou individual ou até duas ou três pessoas que preferem elas mesmas olhar e apreciar, mas os mediadores estão sempre ao lado para atender alguma dúvida, fazer alguma explanação (DIRETORA) .

A coordenadora relatou que além do acervo permanente tem o acervo temporário onde trabalham com exposições temáticas que atraem um público que vem mais de uma vez,então “isso chama bastante atenção e convida o visitante a retorna. Além disso, a gente faz eventos em datas comemorativas, a gente trabalha a interdisciplinaridade dentro da instituição e também com outras escolas.”

A missão de um museu é um instrumento de defesa deste por oferecer um ponto de referencia útil ao processo de planejamento do mesmo, e o investimento na etapa do planejamento da missão é muito valioso, pois muitas questões cruciais podem ser levantadas, discutidas e trabalhadas no museu (TIMOTHY, 2004).

Com a questão **“Para você o que é mediação no museu?”** buscou-se saber o entendimento da diretora e da coordenadora sobre a ação de mediar. A diretora entende que é o acompanhamento do público no sentido de visita guiada, especialmente quando esta ocorre em grupo, ela é feita necessariamente. Ela disse que “o mediador vai explicando e vai esclarecendo. Quando é individual tem opção sem ser com visita guiada, mas os colaboradores acompanham e só intervem quando questionados.” A coordenadora explanou que “mediar é tornar possível o acesso do visitante ao conteúdo exposto pelo museu de uma forma mais acessível, tornar acessível ao entendimento.” Entendimentos que são coerentes ao que Gomes e Cazelli (2016) destacam ser essencialsobre o mediador, que este seja consciente do seu papel no museu em que trabalha, reconhecendo-se como um canal de comunicação dentro da instituição.

É perceptível que a mediação se faz importante no bom atendimento do visitante ao museu, reforçando o que dizem Orofino e Oliveira (2015, p.81) “uma considerável atualização da função do responsável pelo processo educacional em espaços expositivos pode ser concretizada na figura do mediador.” Neste quesito a diretora ressalva a importância do público para o museu, também destacado no discurso da coordenadora de que as exposições são feitas de forma interdisciplinar entre museu, escolas e demais públicos.

No caso do Museu Histórico Unicesumar a diretora informou que dispõe de três mediadores da área de História. Uma possui curso de mestrado na área de História e os outros dois são estagiários graduandos de História. A coordenadora acrescentou que tem dois monitores por período (termo utilizado no museu ao invés de mediadores) e quando há demanda de visitas elas ajudam no acompanhamento, uma vez que toda visita, seja ela individual ou coletiva tem sempre o

acompanhamento do monitor". Assim quanto as perguntas **"O Museu Histórico Unicesumar tem mediador para acompanhar os visitantes? Como ocorre essa mediação?"** Obteve-se que no tocante decomo ocorre a mediação, a diretora ressaltou que quando os monitores começam a trabalhar no museu são passadas todas informações, primeiro sobre o museu, a história do museu, o que é museu, o que tem no museu e posteriormente, é passada a literatura relacionada à História de Maringá com o que se tem no acervo. "Sempre tem aqueles momentos entre um intervalo ou outro que não tem uma visita e eles vão se inteirando da História de Maringá. Tem treinamento quanto às atividades específicas deste museu".

As respostas obtidas nesta questão direcionam ao que Costa (2013) considera sobre mediação, que ela ocorre entre dois sujeitos com construção de diálogos entre museu, ciência e sociedade, uma vez que o espaço museal é um *locus* privilegiado de construção e disseminação de conhecimento.

Na questão **"Com relação ao espaço físico do museu em si, você o considera como um espaço que possibilita mediação aos visitantes?",** as duas pontuaram que o museu possibilita mediação aos visitantes, o que foi corroborado pela observação da pesquisadora, embora não tenha, consideram o acesso aos portadores de necessidades especiais e idosos quanto a rampas/elevadores para subir até espaço para exposições temporárias. Nogueira (2016) é categórica quanto ao espaço físico de um museu, para a autora esse espaço deve ser interativo para que possa despertar o interesse e a curiosidade dos visitantes, sendo uma forma de incentivo para que as pessoas queiram retornar ao museu.

Chagas e Nascimento (2008a) e Pinto (2012) compreendem que mediação cultural junto com a educação em exposições propõe que haja uma relação dialogal entre o mediador, a obra e o público de forma a unir o simbólico e o material, o sensível e o inteligível.

Seguindo essa linha de abordagem foi questionado **"Como o museu cumpre seu papel de mediador de cultura",** a diretora esclareceu que buscam a História de Maringá com gente da região, em especial os pioneiros[4], justamente para manter o contato, e exemplificou contando queum pioneiro aqui em Maringá que é

[4]Pioneiro é um termo comumente utilizado no museu uma vez que a história da cidade de Maringá se construiu por conta de pessoas que ousaram enfrentar o "sertão" do norte do Paraná no começo de 1924 para iniciar a construção das ferrovias geridas pela Companhia de Terras Norte do Paraná.Para saber mais consultar: «https://pt.wikipedia.org/wiki/Estrada_de_Ferro_S%C3%A3o_Paulo-Paran%C3%A1»

contador de causo, “é uma delicia, então a gente procura trazer ele para cá (*museu*) para falarcom as crianças. A exposição que nós colocamos agora ela tem essa relação, essa questão cultural” (DIRETORA).

Nesta questão a coordenadora comentou que para o museu cumprir seu papel de mediador de cultura eles contam com os prédios da estrutura do museu, com a tulha cafeeira de 1949 que já faz um resgate bem interessante, toda uma nostalgia para o adulto e para a criança é uma descoberta. No adulto a lembrança aproxima muito o visitante ao espaço, igualmente como a casa do pioneiro da década de 50 que foi trazida para o museu e preservada.  E isso atinge muito o público, cria-se relação, há uma identificação, o que é muito interessante na opinião da coordenadora. Ela ainda enfatizou que “nós trabalhamos no espaço de exposição temporária sempre com empréstimos de objetos, com doações, então a gente “tá” sempre em contato com esses pioneiros e isso vai criando esse vinculo, vai estabelecendo essa conexão.”

Ao mencionar sobre o vinculo criado com os pioneiros foi possível realizar uma análise mais específica sobre as questões **“Que tipos de trocas ocorrem com a sociedade local quanto aos trabalhos desenvolvidos no museu?Como é feito o registro disto?”** obtendo da diretora que a descrição dos trabalhos desenvolvidos no museu é a parte inicial, dessa forma ponderou que

> O embrião dela fica registrado que é toda a questão da pesquisa, fica tudo registrado. A questão da arte para os painéis, toda etapa do procedimento fica registrado. As fotografias que são tiradas são registradas. E toda mídia que sai em relação ao próprio museu, a própria exposição também fica arquivado (DIRETORA).

Ainda foi possível saber que o material foi utilizado na exposição, por exemplo, os artefatos se eles são do próprio museu voltam para seu local de origem ou para reserva técnica. Os objetos emprestados são devolvidos e aquilo que é para ser descartado assim é feito.

Ao comparar as respostas notou-se semelhança na fala da coordenadora, responsável por manter em arquivo todo o material que foi levantado para a exposição, que no momento não é disponibilizado ao público, mas que elas trabalham num projeto para que esse material não fique só nos arquivos, mas que possa ser disponibilizado aos visitantes.

Vale ressaltar que os materiais utilizados numa exposição são de suma importância para efetividade e sucesso desta, podendo ser inseridos no acervo, considerando a adequação do objeto aos objetivos e missão do museu e o estado de conservação destes.Todavia, poderão ser doados, trocados, repatriados ou destruidos, conforme as condições físicas e o estado de conservação interfiram na comunicação com o público, inviabilizando uma possível montagem expositiva posterior (POLÍTICA, 2017).

Ribeiro (2014) destaca que a mediação das ações socioeducativas devem colaborar com a visitação dos diferentes públicos para que haja a apropriação do patrimônio cultural, indo ao encontro das próximas questões **"A mediação valoriza e amplia a visão socioeducativa dos visitantes? Como você mede/mensura isto?".** A diretora foi enfática ao dizer que com certeza a mediação valoriza e amplia a visão socioeducativa dos visitantes e que mensura isso pelos retornos recebidos do público.

> A gente tem muito o retorno das escolas, em termos de comentários, é o feedback das escolas. A gente ainda não pensou em ter uma estatística, formalizar. Algo que não é mensurável, mas é perceptível trata do retorno das pessoas, se a pessoa veio e se ela não gostou ela nunca mais bota os pés, mas chega um parente ela vem trazer, então é quanto ao retorno das pessoas (DIRETORA).

Nessa perspectiva a coordenadora ponderou que a mediação tem que ser bem dosada, pois eles recebem visitantes que preferem ser acompanhados e que gostam de interagir, de fazer perguntas, bem como visitantes que preferem ficar mais livres, que fazem uma introspecção. Isso é dosado e os monitores são orientados para que conduzam desta forma, sentir e observar o visitante. "O feedback ele se dá normalmente no final da visita, o visitante diz, olha "muito obrigado, aprendi, descobri coisas, revi coisas, ou apenas um muito obrigado, era isso que eu precisava" (COORDENADORA).

A formação de mediadores é muito relevante, haja vista a inserção intensa destes profissionais nos espaços museais, onde as atividades educativas são geralmente otimizadas quando os mediadores tornam-se centrais para os processos de educação e comunicação com o público (MOURA, 2003).

Nessa linha de raciocínio, o questionamento a seguir se enquadra "**Os mediadores do museu estão preparados, no sentido de formação profissional e conhecimento sobre o acervo museológico, para enfrentar o desafio de**

**informar os visitantes?”.** A diretora ponderou que na prática os mediadores aprendem sendo como se fosse uma aula, em que se expõe o conteúdo e depois dá-se abertura para os questionamentos. Complementado pela coordenadora que disse que pelos monitores serem da área deHistória, então o conhecimento prévio sobre a história de Maringá eles já o tem.

> Eles trabalham sempre em parceria com as novas pesquisas para exposições temporárias, sendo bastantes ativos no processo, curtem as novidades, conteúdo novo que levam a aprendizagem e construção do conhecimentos para os mesmos (COORDENADORA).

Ao serem questionadas **“Como são atendidas as dúvidas e demandas educacionais durante as visitas guiadas?”,** a diretora argumentou que durante e após a visita é dada a oportunidade do visitante perguntar e, especialmenteas crianças, perguntam muito, são curiosas. Ela então lembrou uma situação vivenciada com uma criança quanto a história do ferro de passar roupas: “A mediadora “tava” falando que antigamente tinha que colocar brasa dentro do ferro para ele esquentar, e o menino falou: ‘minha mãe coloca água’. Foi muito interessante”. Ela reafirmou que normalmente crianças perguntam mais por ficarem com muita curiosidade em saber, especialmente a questão do banheiro, do colchão de palha existente na casa do pioneiro. Ela narrou que as “crianças são espontâneas e perguntam mesmo”. A diretora pontuou queaté no caso de exposições no espaço temporário, mesmo sendo temas mais pontuais, as crianças também fazem muitas perguntas.

Referente a questão, a coordenadora respondeu que existe um modelo padrão de visita, especialmente na visita coletiva que é guiada por todo o percurso, com informações pertinentes ao espaço e que os visitantes podem sanar dúvidas.

Nos museus, o conhecimento se constrói no embate entre sujeito e objeto e a participação do mediador é um encontro de potencialidades onde a fala e a escuta são instrumentos fundamentais, que, aliadas as respostas dos mediadores geram uma aprendizagem significativa (PAULINO, 2015).

Ao ser pergutando **“Qual maior dificuldade encontrada na mediação neste museu?”,** a diretora prontamente respondeu ser o comportamento de algumas crianças quando da visita escolar, por serem mais irrequietas, e completa que “a gente consegue impor uma cultura do silêncio”. Ela informou que antes das crianças adentrarem ao museu são explicadas quais atitudes são esperadas em um museu.

“As vezes, existem escolas que as crianças tem mais dificuldade de entender, é uma das coisas que dificulta o papel do mediador”. Na visão da coordenadora a maior dificuldade é encontrar alinguagem adequada “atendemos um público bastante variado, então eu acho que o grande desafio é você encontrar a linguagem adequada “pro” público que você “tá” atendendo naquele momento, porque a gente lida com crianças da educação infantil até um grupo de idosos, como a gente “tá”, então eu acho que o grande desafio é adequar a linguagem “pra” atingir o publico”. Dificuldade também pontuada pelos mediadores.

Nesta ambiência foi questionado se **“É necessária aformação de mediadores museais?”.** Ambas concordaram ser necessário, a diretora achou muito interessante e informou que no museununca foi ofertado curso “para ser sincera nunca havia pensado nisso. Por que a gente pensa assim, é um espaço que não é tão grande e desde que você está atendendo a demanda parece que aquilo está atendendo o objetivo. E é interessante até por que em Maringá são vários os espaços como esse”. O posicionamento da coordenadora é que sempre é válido, sempre é importante estar preparado para novos desafios. “Todo conhecimento em qualquer área eu acho muito relevante”.

Com relação à gestão organizacional foi questionado se **“O quadro de pessoas interfere na gestão organizacional e no planejamento do museu?”.** A diretora ressaltou que a idéiado que irão desenvolver durante o ano parte dela e da coordenadora, que discutem, planejam e com o planejamento pronto levam para os mediadores. “A gente senta, faz uma roda,discute, e eles dão ideia também, não é só assim, vamos acatar e vamos fazer, há uma contribuição legal. É feita uma ação em equipe, se planeja de acordo com a equipe que temos”. Numa outra linha de raciocínio a posição da coordenadora difere do que apresentou a diretora quando enfatiza que o número de funcionários influencia porque limita, e exemplifica

> O número de agendamento que eu vou fazer naquele dia, naquele período, porque como todas as visitas são acompanhadas, eu não tenho pessoal todo tempo disponível, então preciso agendar e organizar isso de forma que todos sejam atendidos da melhor forma (COORDENADORA).

A pergunta que segue buscou saber se as ações educativas desempenhadas no museu favorecem a aprendizagem **“As ações educativas desempenhadas em espaços museológicos contribuem para a construção do conhecimento?”.** A

diretora comentou que certamente contribuem e “sem dúvida” e, ainda acrescenta, “o museu é o espaço informal de aprendizado, mas, sem dúvida alguma contribui muito, torna aquele conteúdo, principalmente o conteúdo histórico muito mais acessível e até palpável. Eu acredito muito nessa questão”.

Quando questionadas sobre **“Quais as principais ações educativas desenvolvidas no Museu Histórico Unicesumar?”,** a diretora informou que já foram desenvolvidas atividades com pioneiros, eles vieram ministrar palestras para as crianças e demais visitantes. “Um pioneiro falando tem um impacto muito legal”. Também foi feita uma oficina de brinquedos antigos (boneca de sabugo de milho, peteca), oficina com pioneiro que veio contar causos. Ela disse que ele se baseia nos causos populares (mula sem cabeça, saci, etc), transformando os causos como se fosse realidade dele, como algo que aconteceu com ele ao chegar em Maringá. “Depois que ele contou as crianças desenharam, fizeram representações do que interpretou quanto ao que foi dito e essas representações ficaram no arquivo do museu”.

E informou também que um colégio com mesma mantenedora da IES usa o espaço do museu para fazer apresentação dos trabalhos dos alunos, pois o espaço também é feito para isso, seguindo uma razão lógica. “Tem que ser coerente com o que o museu dispõe e sua missão. Usa o espaço do museu para atividades educacionais”.

O posicionamento da coordenadora é que as atividades são vinculadas ao tema da exposição que se tem num determinado momento,

> A gente não tem uma regra de ações a gente vai criando ações que potencializam o que a gente tem exposto, a gente costuma fazer intervenções na comunidade da própria instituição, a gente cria gincana, oficinas que atraem a comunidade, atrai os colégios.

Nesse viés a coordenadora acrescentou que as ações normalmente estão ligadas ao que se apresenta na exposição temporária que geralmente estão relacionadas as datas comemorativas: semana do idoso, aniversário de Maringá, semana de museus, entre outras.

Por último perguntou-se **“De que forma é possível pensar ações mediadas quando estas não existem no museu?”.** A diretora respondeu ser possível, mas para tal deve-seter uma organização e pensar nas pessoas e funções. A resposta da

coordenadora pontuou que primeiro é feita análise da necessidade, da condição que se tem: “diagnosticada a necessidade, a importância, a relevância, a contribuição disso a gente planeja uma ação que atinja o objetivo”.

Na perspectiva de compreender o papel do mediador pelos três mediadores do museu, foram elaboradas algumas questões norteadoras, umas semelhantes as questionadas à diretora e coordenadora e outras específicas aos mediadores. Foi perguntado **“Quanto tempo trabalha no museu?”,** os três medidores tem em média o mesmo tempo de “casa”. O mediador A trabalha a um ano no museu.O mediador W um ano e seis meses e o mediador G um ano e três meses.

Foi questionado se **“Você se identifica com o que faz?”,** e todos foram categóricos em afirmar que se identificam. O mediador A trabalhou durante toda a graduação, especialização e mestrado com história regional. Ainda reforçou a resposta pontuando que “o meu pai nasceu aqui no Paraná, então eu cresci ouvindo muita coisa a respeito disso, de tudo que se viu aqui, do que o museu trata, então foi um tema que sempre me atraiu demais”. Seguindo com resposta semelhante o mediador W destacou que é um tema que gosta, até mesmo por cursar Historia, “é uma maneira que eu encontro de “tá” em contato com aquilo que gosto, que estudo e gosto e de transmitir aquilo que eu sei “pra” população”. O mediador G se preservou em dizer “Sim, eu gosto do que faço”.

Ao se perguntar **“O que mais te encanta no museu?”,** cada mediador respondeu um item especial que encanta, o mediador A ressaltou que o que encanta é que além do tema que o museu trata é a possibilidade que esse espaço dá em preservar a história e a memória da cidade, possibilitando trabalhar isso com as crianças. Ele disse que “apesar de Maringá ter uma história muito recente, as crianças que são atendidas da rede municipal e da rede particular de ensino têm o conhecimento das histórias de seus avós e bisavós que viveram no período contado no museu, assim tendo a possibilidade de rever essa história representada no museu.” “E ‘pras’ criançasisso é extremamente fundamental, elas conseguem aprender muito mais em uma hora e meia que “passa” aqui do que ouvindo a professora, as vezes de escrever um objeto ou algum processo histórico.”

O mediador W destacou que se encanta com os visitantes, sobretudo quem viveu o período retratado pelo acervo, as primeiras pessoas que fizeram parte da história da década de 50, 60. “Eles contando a história “pra” mim é o que eu mais gosto. Eles complementam muitas informações”. Para o mediador G é a

disponibilidade do material sobre a cidade e a diversidade do que pode ser trabalhado, “a quantidade de materiais dá uma certa liberdade de trabalhar diversos temas e isso, no caso, deixa você um pouco mais tranquilo“pra” desenvolver o trabalho”.

Uma questão semelhante ao que foi perguntado para a diretora e coordenadora foi sobre a mediação: **“O que você entende por mediação em espaços museais?”.** O mediador A acredita que a mediação esteja inserida muito no trabalho que realiza, entre o ensino e a explicação possibilitando ao visitante observar os objetos e sua história e o porque de estar nesse espaço. “Na minha concepção de mediação seria esse trabalho que a gente faz, de mediar essa relação entre o visitante e a história de Maringá”. Similar ao que ponderou o mediador A o mediador W relatou sera explicação daquele espaço para um público leigo ou não, considerando que às vezes a pessoa até sabe do que se trata, mas não o porque de estar ali, então, a explicação é fundamental. O entendimento por parte do mediador G não distingue dos demais, ele entende mediação como uma passagem de informações do que contém no espaço do museu para os visitantes.

**Ao serem perguntados sobre “Que tipo de mediação vivencia e experimenta fazer?”,** os três mediadores disseram que a mediação que praticam está relacionada ao processo deensino e aprendizagem numa via mão dupla, onde ensinam e aprendem. A fala do mediador W aborda numa narrativa mais discreta a diferença desta mediação do ensino escolar “o museu ele oferece uma abrangência maior de conteúdo, é mais rico. Você consegue mostrar e explicar várias coisas que um professor talvez não consiga fazer em sala de aula”.

Embora tenha tendência de parecer óbvio perguntar para alguém que trabalha em museu se **“Vê o papel do mediador como uma profissão para ti?”**, não o é, pois de acordo com as respostas obtidas dois mediadores veem o papel do mediador como profissão apenas temporariamente.O mediador A justificou que tem outros objetivos. “O meu objetivo principal é sala de aula. O trabalho que realizo aqui ‘tá’ muito dentro dessa proposta também, mas eu pretendo dar aula na rede estadual, futuramente em universidades também, por isso que digo que aqui é temporário”. Enquanto o mediador G não demonstrou certeza em sua resposta mencionando “de uma certa forma vejo”. Contudo o mediador W disse seguramente “sim, com certeza” e explicou que não sabe quanto ao mercado de trabalho, mas que pelo cotidiano dele gosta muito. “Eu gosto de estar em contato com o público,

gosto de estar fazendo pesquisa relacionada a uma exposição, gosto de ver a transformação daquilo que eu “tô” lendo no livro virar exposição.”

Quanto à formação acadêmica de base dos mediadores todos informaram que ela oferece subsídios para o desenvolvimento do papel de mediador, devido estar na área de História. O mediador A argumentou que mesmo com formação acadêmica a rotina do museu é aprendida no dia a dia, de como deve atender às pessoas. Assim todos atenderam a questão **“Sua formação de base oferece subsídios para o desenvolvimento do papel de mediador?”.**

A mediação é uma tarefa desafiadora, pois geralmente os visitantes, em sua maioria, não sabem que existe o serviço de mediação. A abordagem ao visitante deve ser gradativa, o mediador deve estar atento a qualquer gesto do visitante que sinalize uma necessidade ou uma vontade de ter alguém para conversar ou/e informar (DÓRIA, 2012).

Ao serem questionados sobre **“Qual maior dificuldade encontrada na mediação neste museu?”,** as respostas foram de mesma natureza e relacionadas ao atendimento ao público e a linguagem adequada para cada pessoa ou grupo. Na fala do mediador A o desafio maior é ter uma linguagem coerente com o público que está atendendo. “Recebemos visitantes muito diferenciados, desde crianças da educação infantil até o público da terceira idade. Cada visitante tem um perfil diferente e aí saber atender é uma coisadifícil, demanda tempo, experiência”. Seguindo a mesma linha de raciocínio o mediador W ressaltou que “não é a mesma coisa eu lidar com uma criança, lidar com um adolescente, com um jovem, com um senhor de idade, então é preciso encontrar termos e terminologia mais adequada”. Desta forma ele reforça que o modo como se conta uma história pode agradar uma criança, mas pode não ser interessante para um jovem ou idoso. “É preciso fazer um filtro ‘pra’ saber o que falar e como falar para cada um deles”.

Quanto ao mediador G, ele tem certa dificuldade em relação alguns grupos de visitantes por considerar que para cada grupo deve agir de forma didática distinta.

> Um grupo muito novo, muito pequeno, crianças de 5 e 6 anos mais ou menos, você filtra o máximo possível das informações ‘pra’ que fique algo interessante e que consigam entender, você não tem como passar muita coisa, muita informação, tem que ser mais dinâmico possível (MEDIADOR G).

É perceptível na fala que ele considera que ao fazer filtro de informações acaba deixando de passar alguma informação por desconhecer o que mais iria agradar cada um.

O mediador é responsável pelas informações fornecidas ao orientar os visitantes do museu o que é fundamental para que haja uma consciência do perfil edos limites da sua função. Portanto, a atuação de mediação com excelência exije uma constante capacitação para que possa exercer o papel de mediador na comunicação com o público (MASSARANI, 2007) .

O mediador A acha extremamente importante quando perguntado se **"é necessária a oferta de cursos para formação de mediadores museais?",** pois aprendeu na prática ecom os outros funcionários que já trabalhavam no museu. "Acho que seria muito bacana se a instituição pudesse oferecer cursos para preparação de mediadores". O mediador W também sinalizou que aprendeu muito trabalhando no museu, ou seja,na prática, e que alguns métodos de abordagem são feitos por meio da junção de informação e observação. "Se a gente tiver um curso com certeza a abordagem facilitará em identificar o seu público e também facilitará por meio da junção vai agregar informação". E disse ainda que "isto era uma coisa que não pensou, mas se eu partir desse caminho talvez seja mais rentável no final".

Para o mediador G não é diferente, pois acredita que ajudará no relacionamento com as pessoas e ter instrução sobre o relacionamento com o público para que o atendimento não seja feito de forma mecânica, o que pode ser percebido quando fala

> Aqui no museu da história de Maringá a pessoa tem que se sentir pertencente a essa história, fazer parte dessa história. E dependendo das exposições do mediador ele tem esse papel. Se ele não desenvolver isso torna um problema, pois será um espaço só para visita, mas que por falta de informação não desperte a atenção da pessoa para que ela goste. Técnica de mediação é importante saber, e um curso é sempre válido.

Nesta perspectiva lançou-se a pergunta **"Você faria algum curso para se capacitar quanto ao papel de mediador?",** sendo quetodos os mediadores foram categóricos em afirmar que sim, fariam.

A questão seguinte sobre se **"Acredita que as ações educativas desempenhadas em espaços museológicos contribuem para a construção do conhecimento?".** Certamente sim responderam, ressaltando ser uma construção

do conhecimento de forma riquíssima, que é ouvir, ver e ter a comprovação do que está sendo dito.O mediador A exemplificou que neste ano vários projetos foram desenvolvidos com atividades voltadas para o público infantil e adolescentes oferecendo o espaço do museu para exposições de atividades.

> Usando o espaço do cinema, nós trouxemos os alunos do ensino médio do Colégio Objetivo para eles assistirem um documentário sobre a geada negra que foi assim um episódio extremamente importante da história não só de Maringá, mas de todo o estado. Eu acredito que foi extremamente proveitoso “pra” eles e ‘pra’ gente também.

Outra atividade desenvolvida que contribuiu para a aprendizagem e construção do conhecimento foi um um documentário sobre a geada de 75, sendo um meio do museu contribuir com o ensino da história regional, em especial a história do Paraná. “As exposições itinerárias, geralmente quando os colégios veem para cá pedem para que seja explicado de forma diferente, abordando relação família, pioneiros, etc. A gente vai se ajustando conforme a demanda do público” disse o mediador G.

Uma visita a um museu propicia a ampliação da capacidade de observação e direciona para o entendimento de questões sociais ao partir do pressuposto que o ambiente diferenciado dos museus é um estímulo à percepção e ao questionamento (PINTO, 2012; ROSA; SCALÉA, 2006).

Ao perguntar **“De que forma pode se pensar em ações mediadas quando estas não existem no museu?”,** o mediador A respondeu quenunca pensou nesta questão e ponderou que não faria algo muito diferente da estrutura que tem no museu. O mediador W foi o que ousou apresentar ações “Com a ausência do mediador eu acho que seria uma coisa mais digital com painéis interativos, porque o fato de você ‘tá’ mexendo ali ‘pra’ receber informação ou trocar informação ela estimula mais do que só painéis com leitura”. O mediador G acha complicado pensar uma ação sem o mediador. “É essencial o papel do mediador, pois muitas vezes as informações que você tem sobre o lugar são rasas e o mediador pode acrescentar”.

É importante o museu utilizar os meios tecnológicos para se comunicar com o visitante, em paralelo com o processo tradicional, não para substituir procedimentos, mas para interligá-los à tecnologia no sentido de satisfazer às novas correntes da

museologia que estão a se debruçar sobre o papel do museu na sociedade atual (MELO; FERREIRA, 2011).

Também foram aplicados questionários aos visitantes, num total de nove respondidos. As três primeiras perguntas buscaram compreender o perfil do visitante: "**Idade; Sexo; Escolaridade".** A faixa etária esteve entre 11 e 46 anos de idade, 5 do sexo masculino e 4 do sexo feminino. A escolaridade variou entre Ensino Fundamental II (6º ano), cursando ensino superior e cursando pós-graduação.

Foi perguntado sobre **"Qual a freqüência de visitas aos museus?",** todos pontuaram que não tem o hábito de frequentar regularmente, com respostas como: Primeira vez, quase nunca, pouca frequencia e quando tem oportunidade.

Quanto a "**Experiência com a visitação em museus?",** foram mencionados os museus MUDI, UNICESUMAR, Centro Histórico-RJ e Museu dos Imigrantes em Rolândia-PR.

A pergunta sobre **"O que mais te encanta no museu?",** as respostas variaram de: "A história e os objetos"; "Saber sobre o passado antes de ter nascido"; "As coisas expostas dentro de um museu" e "A história como um todo".

Ao serem questionados sobre se **"Prefere visitas no museu com acompanhamento de mediador ou sozinho para apreciar melhor o acervo?",** sete preferem com mediador, considerando que "ele explica tudo que esta exposto"; "as explicações ajudam muito"; "pelas informações complementares".Os outros dois preferem visitar museu sem presença de mediador e ressaltaram que é "para que possa apreciar no meu tempo" e "ver com calma".

Todos foram unânimes em dizer que sim, ao serem questionados sobre se **"Visitas no "formato mediado" ampliam ou não a visão socioeducativa e cultural dos visitantes?".** As justificativas foram: "Para conhecer mais sobre a história da sociedade"; "Para entender melhor a vida"; "Para explicar sobre o que está nas paredes ou as figuras do passado"; "Explica cada canto/acervo do museu"; "Para quem não tem informação é uma aula"; "Por que as explicações tiram as dúvidas do que vimos"; "Por passar as informações que não sabemos" e "Pelas informações dos lugares visitados e conhecimento específico".

Se bem orientado, o mediador será um grande articulador, problematizando e potencializando a análise crítica do visitante e levando aos gestores as dúvidas, expectativas e frustrações do público acerca do museu.É fundamental que o museu ofereça subsídios adequados aos mediadores como formação e capacitação para

que o potencial de cada um não seja desperdiçado. É preciso capacitação quanto a abordagem ao público, e para isso, é preciso que seja ofertado um programa contínuo de capacitação.

É possível relacionar a implantação da Gestão do Conhecimento ao mediador, uma vez que este é capaz de apoiar atividades e processos operacionais/estratégicos impulsionando o re-uso do conhecimento com a interação humana, o que evita que o conhecimento seja acumulado em uma única pessoa. Uma vez implantada a GC esta possibilitará a ampliação do campo de atuação do mediador e demais integrantes da equipe museal.

Nessa mesma abordagem pode-se implantar a “comunidade de prática”, pois esta prevê a participação de profissionais que conheçam a organização, o mediador pode atuar entre as necessidades de conhecimento dos visitantes e as fontes disponíveis no museu e na comunidade, sendo estas muitas vezes fontes “humanas”. O mediador também pode atuar como facilitador na troca de saberes, tornando o ambiente museal cada vez mais propício para a aprendizagem individual e coletiva.

## 4.2 PROJETO DE ENSINO “MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA EM MUSEUS”

Como parte integrante deste estudo foi desenvolvidoo Projeto de Ensino intitulado “Mediação Pedagógica em Museus” com o intuito de promover a formação do mediador museal. Os objetivos específicos foram promover o acesso mediado aos espaços museológicos, capacitar graduandos para a mediação pedagógico-cultural em museus e explorar novas perspectivas profissionais em educação não formal.

Participaram do projeto cinco (5) alunas regularmente matriculadas nos cursos de Licenciatura em Pedagogia e Artes Visuais do Centro Universtitário de Maringá-Unicesumar. Os encontros ocorreram todas as sextas-feiras a noite no período de oito (8) meses com duração de três (3) horas, perfazendo um total de 120 horas de estudo e trabalho.

No que tange a formação, a diretora do Museu Histórico Unicesumar participou colaborando com explanação sobre o passo a passo em relação as dimensões a serem seguidas na criação de uma exposição, o publico alvo, a escolha

e compreensão dos materiais e objetos aseremutilizados, a questão da publicidade e o comprometimento perante as peças emprestadas, as datas a serem seguidas, entre outras informações que contribuíram para a construção do conhecimento das integrantes do projeto.

Foram feitas visitas virtuais em museus presentes em diferentes regiões do Brasil e de outros países. Estudados os períodos históricos da Arte e as obras representativas de cada período. Foram explorados materiais pedagógicos produzidos por outros museus e programadas visitas de estudo. Foi criado um grupo fechado no facebook para partilha de imagens, reportagens e links de museus pelo mundo, além do trabalho de pesquisa individual que cada integrante fez para apresentar aos demais participantes do grupo.

### 4.2.1 Relatos de experiências das participantes sobre o projeto de ensino

Quanto a experiência de participar do projeto, tem o relato:

> A professora R, uma das organizadoras do projeto trouxe experiências de suas viagens, objetos onde foi possível ver e analisar como são outros museus, suas características, disponibilizando visitas *online* aos museus,obras de arte de varias dimensões diferentes, possibilitando um conhecimento singular (ALICE).

Para outra integrante do projeto, participar de um projeto estava em seus objetivos educacionais e

> A convite da professora R entrei no projeto de mediação em museus, o meu propósito com o projeto foi conhecer um pouco mais sobre a importância dos museus para a aprendizagem do aluno e na aquisição de novas competências como futura pedagoga (LAURA).

Ela relatou também que

> As experiências do projeto além de me possibilitar uma abertura de novos horizontes e uma relação mais profunda com a arte, me levou a relacionar a importância desta relação para as crianças e professores, ou seja, a arte sensibiliza e explora os sentimentos mais humanos, faz você pensar e sentir a partir do seu ponto de vista e sua reflexão sobre as obras, o mediador é a ponte que estabelece esta conexão levando o aluno a explorar seus sentimentos e conhecimentos sobre o que está posto. Omuseu por sua vez rompe com a sistematização de um ensino/ aprendizagem tradicional possibilitando o aluno a interação, o questionamento e sua própria forma de se relacionar com o ambiente. O museu é um espaço que a criança ganha liberdade e demonstra curiosidade por fatos que não fazem tanta parte de seu dia-a dia (LAURA).

Para uma outra integrante do projeto,

> Participar do Projeto de Mediação Pedagógica foi uma experiência ótima, quem me convidou para fazer parte dele foi a professora R, pois sua mestrandaestava fazendo sua tese nesta temática. Partilhamos de alguns conhecimentos sobre museus, pesquisamos sobre os modelos de arte como: neoclassicismo, barroco, monumentalismo,etc. e assim foi possível conhecer os estilos de época e o que os autores queriam expressar com suas obras (JAMILY).

Outra integrante analisa a participação no projeto da seguinte forma:

> Já tinha conhecimento da importância de participar de projeto pesquisa, só não imaginava quão enriquecedor e fundamental é quando está diretamente relacionado com os objetivos do projeto eas escolhas e o futuro do integrante (CAROLINE).

## 4.3 EXPOSIÇÃO “PROTAGONISMO OU LOCURA” A PARTIR DA PERSPECTIVA DA CRIANÇA

A exposição foi organizada durante a semana do Seminário do Mestrado em Gestão do Conhecimento em novembro de 2016 nas instalações do Unicesumar. A exposição já tinha sido exibida em diversos locais de Maringá, mas não sob a perspectiva e mediação de uma criança.

A ideia surgiu quando professoras e integrantes do projeto de ensino visitaram a Festa Literária Internacional de Maringá (FLIM) e presenciaram o lançamento do livro que conta a história da viagem de uma família composta por pai, mãe e filho de 4 anos a bordo de um motorhome pelo Brasil e outros 30 países durante 16 meses. A exposição apresentou por meio de fotos tiradas por eles em cenários com informações de lugares visitados e de objetos adquiridos ao longo da

viagem. O menino, filho do casal, durante a exposição e lançamento do livro ficava ao lado dos pais ouvindo sobre as histórias da viagem e no dia que visitavamos a FLIM perguntou se ele também poderia autografar o livro. A partir deste protagonismo infantil espontâneo presenciado pelo grupo surgiu a ideia de organizar uma exposição pelo olhar da criança.

Com o apoio do Museu do UniCesumar e do Colégio Objetivo organizou-se uma exposição para as crianças da mesma faixa etária do protagonista M.N.com sete (7) anos.

### 4.3.1 A experiência de mediação da exposição

Foram dois dias de exposição que foi realizada tendo como público-alvo 5 turmas de alunos da 2ª série do Ensino Fundamental de um colégio do noroeste do Paraná-Maringá, que realizaram a visita nos Blocos 5 e 6 do Unicesumar. A organização dos objetos que o M. N. adquiriu na viagem realizada com seus pais por vários países. Os objetos da exposição foram selecionados pelas integrantes do projeto juntamente com o pai e mãe do M. N. As fotos da viagem também foram cedidas para a exposição que foi pensada para público infantil, em especial alunos do 2º ano do fundamental, mas também recebeu visitantes de várias idades, entre eles, os acadêmicos do Unicesumar, os participantes do seminário do mestrado que ocorria no mesmo bloco e demais visitantes que apreciaram a exposição.

Assim que os alunos chegavam acompanhados das professoras era feita a explicação do que seria abordado na exposição e o passo a passo da exposição, deixando claro que poderiam fazer perguntas a qualquer momento, bem como manusear os objetos. Sobre a viagem foi escrito um livro, sendo entregues exemplares para as professoras das turmas participantes. Os objetos e fotos foram devolvidos para arquivo da família do M. N. Ao término da exposição foram entregues certificados de participação para o Miguel Neto e demais participantes da exposição.

Para desempenhar a promoção de aprendizagens e a construção de conhecimentos foram confeccionadas legendas para as fotos do menino para assim as crianças pudessem identificar os lugares visitados por ele no mapa. O percurso europeu foi organizado pelas mediadoras e o percurso brasileiro e sul-americano, foram as próprias crianças que sinalizavam no mapa.

Pautado no conhecimento construído com o projeto de mediação em museu foi posto em prática o papel do mediador para melhor compreensão de como ocorre a mediação e as relações com as crianças em uma exposição, sendo feita a recepção de alguns alunos/visitantes, na qual, foi explicado o motivo deles estarem ali, o tema da exposição e como procederia a mediação pelo M.N. e mediadoras.

Dos objetos que compunham a exposição, M.N.explicava o que eram, de qual cidade, estado e/ou país vinham, se comprou ou ganhou, bem como qual era o funcionamento ou utilidade de cada um. Com o apoio de fotos dele quando menor, dos painéis fotográficos criados para as exposições anteriormente exibidas pelos paiseum mapa do percurso com os lugares que foram sendo assinalados pela crianças, ocorria a mediação.

M.N.foi se ambientando e aos poucos ficando cada vez mais espontâneo com a mediação que exercia, de forma que, em alguns momentos nem foi preciso a mediação do grupo de graduandas.Nota-se pela Figura 4 que as crianças estavam envolvidas com o que estava sendo apresentado, eles contavam experiências suas de viagem e de objetos que tinham em casa, além de  se entusiasmarem durante as experimentações dos objetos da exposição.

Figura 4: Mediação pedagógicada exposição

Fonte: https://goo.gl/efSuRZ.

A exposição da viagem estava disposta em 16 totens com fotografias tiradas na viagem e quanto aoslugares visitados. A mediação foi feita pelas integrantes do projeto de ensino e do M. N.

Quanto a experiência de participar da mediação da exposição, uma mediadora relatou que

> Muito enriquecedor a troca de experiências no projeto de ensino com a prática na exposição “Loucura ou protagonismo”. Organizamos para que Miguel Neto partilhasse sua experiência de viajar pelo mundo com seus pais. Ele e nós mediadoras demos um show, explicando com detalhes para os visitantes como foi a viagem e os lugares por onde a família passou (JAMILY).

Na compreensão de outra mediadora,

> Ter fundamentação teórica foi fundamental para boa mediação da exposição, bem como ajudou a perceber os pontos a serem melhorados quanto ao que ocorre na prática(CAROLINE).

Enquanto que para uma terceira mediadora,

> Participar como mediadora da exposição me possibilitou abrir uma visão mais critica como profissional da educação e compreender a importância do papel do mediador. Experenciar momentos onde coloquei em pratica o debate feito nas reuniões, me fez entender melhor como se dá a mediação e as relações com as crianças dentro de uma exposição (LAURA).

Com outra perspectiva foi apresentado que

> Uma criança mediando para outras crianças reforça que conhecer não está somente em sala de aula, mas na sociedade. Cada pessoa entende de uma maneira diferente o mesmo contexto, portanto, é crucial promover para as crianças o diferente, o novo, uma nova visão de aprendizagem interativa. Vivenciar e contribuir para o desenvolvimento da exposição foi muito gratificante e extremamente valioso para o meu desenvolvimento tanto na formaçãode professores como ser humano, foi uma grande aprendizagem a apropriação de conhecimento e a interação com pessoas extremamentes visionárias querendo sempre o melhor para o aprendizado e buscando novas fontes para isso (ALICE).

## 4.4 VISITA AO MUSEU OSCAR NIEMEYER E MUSEU PARANAENSE

As participantes do projeto de ensino realizaram uma visita técnica em 2 museus e aos monumentos históricos da cidade de Curitiba-PR, conheceram como ocorre a mediação nesses espaços o que possibilitou a interação e observação na pratica dos museus, sua organização e da mediação.

O Museu Paranaense apresenta o registro da Historia do Estado do Paraná, expõe obras e objetos do Brasil Imperial, possibilitando refletir sobre como a

sociedade está enraizada em costumes e comportamentos sociais que são heranças desta época.

No museu Oscar Niemeyer com obras de arte expressivas, contemporâneas do acervo do próprio museuse com exposições temporárias permitiu compreender e analisar o contexto em que foram produzidas. Fontes de inspiração e de reflexão, obras importantes de pintores prestigiados que fizeram e fazem parte da história da arte brasileira. O museu de forma geral leva a pensar nas questões atuais do país, como as obras recolhidas na operação da lava jato, instigando uma reflexão sobre o velho e o novo, sobre o resultado de uma história muitas vezes deixada fora do contexto museal.

### 4.4.1 Relatos de experiências das visitas aos museus

As integrantes do projeto relataram sobre a experiência de visitar os museus e monumentos históricos em Curitiba-PR. Alice compartilhou que no decorrer da excursão refletiu que “aprender consiste em olhar ao redor e querer conhecer como tudo se transformou, sendo crucial uma mediação e interação com a história do respectivo lugar/objeto/estrutura”.

Nas considerações de Laura

> Visitar Curitiba foi realizar um sonho, foi viver história a cada esquina e vivenciar o propósito do projeto “Mediação Pedagógica” assim como refletir sobre o meu papel como futura profissional da educação, fica minha gratidão por fazer parte de um projeto que abre portas para um ensino mais autônomo, critico e reflexivo.

Jamily ponderou que

> Foi uma viagem excelente, cheia de aprendizados, foi maravilhoso conhecer a história dos museus e como é preciso ter profissionais que se especializem nessa área da mediação pedagógica, pois quando o turista chega ao museu, ele quer uma explicação sobre a obra ou o que a exposição aborda.

Para Caroline o que fica como resultado da experiência de visitar os museus e monumentos históricos de Curitiba-PR é

> Pensar nas infinitas possibilidades de despertar o prazer nas pessoas em visitar museus e sentir a fruição que esses espaços propiciam e como estes contribuem para a construção do conhecimento a partir da aprendizagem significativa.

Outras pessoas que participaram somente da excursão à Curitiba pontuaram que

> A visita aos museus de Curitiba foi de grande importância para o meu enriquecimento cultural, sendo uma “aula” de conhecimentosgerais do nosso estado, mesmo já conhecendo os lugares visitados há sempre algo novo para acrescentar. Foi uma visita técnica que gostei muito, aumentando o desejo deconhecer novos lugares que contem mais de nossa história (ANGELA).

> Não tenho hábito de frequentar esses lugares, mas nessa visita percebi o quão importante é preservar a história para que as próximas gerações conheçam e vejam a história tal qual ela ocorreu (PETRUS).

## 4.5 DISCUSSÃO

Nessa linha de argumentação final sobre os resultados do estudo é feita ponderação quanto ao primeiro conjunto de respostas da entrevista onde se compreendeu que à medida das suas possibilidades diretora e coordenadora buscam incentivar os mediadores a desenvolver seu papel participando do cronograma anual para atividades no museu, bem como para atender o público da melhor forma possível de modo a valorizar a diversidade artística e cultural local e cumprir a função social e missão do museu. Salienta-se que o Museu Histórico Unicesumar permite manter viva a memória coletiva e local, que com as práticas educativas leva a integração da sociedade para que esta se veja como parte da história, pois quando há maior organização há maior atração do público. É importante perceber a aproximação museu-universidade e sociedade através das ações educativas como elementos vivos dentro da dinâmica cultural da cidade.

De acordo com o segundo conjunto de respostas foi possível compreender que gostar do que faz e estar preparado para atender o público coopera para que os mediadores se sintam seguros para realizar a mediação, independente do tipo de visitante que estão atendendo. Dentre as possíveis formas de capacitação profissional uma que depende especialmente do mediador é frequentar exposições eno ambiente em que trabalha participar da concepção das mesmas.

Cabe ressaltar, mesmo que percebido implicitamente, os mediadores não são independentes financeiramente, o que encontram no papel de mediador, mesmo que

temporariamente, pois alguns tem outros objetivos, mas mesmo assim ao iniciar a função como mediadores e com o tempo, houve interesse e gosto pelas práticas museais e pela fruição que esses espaços provocam. Pelas respostas obtidas também foi possível identificar nos mediadores o prazer pelo conhecimento e a pesquisa no museu, assim como o comprometimento com relação ao atendimento ao público.

Martha Marandino (2008) utiliza o termo Musear, logo,vai se museando nos espaços onde o visitante aprecia, contempla e aprende, o que dá respaldo para oferta de formação de mediadores, seja pela carência pedagógica no atendimento aos diferentes públicos como também se pensando na autonomia do visitante que exige que o mediador seja articulador de saberes para dar possibilidades a quem visita de construir seu olhar de forma independente, mesmo que mediado pelos conhecimentos do outro.

Observou nas respostas dos questionários que as mesmas corroboram o que anteriormente discutido, pois embora os visitantes não tenham o hábito de freqüentar museu, quando ocorre uma visita esporádica, essa é considerada mais interessante se há um mediador. Desta forma, ressalta-se mais uma vez a importância da formação de mediadores com didática para que a visita seja enriquecedora quanto ao conhecimento que se constrói nos espaços museais.

Não é regra, mas é incentivado pela sociedade que o museu dê respostas ao que não foi atendido pela escola. É preciso pensar num meio formador pedagógico não formal, e neste sentido, poucos museus oferecem cursos voltados aos colabores ou mesmo para professores. É preciso suporte pedagógico do próprio museu para com os mediadores, devido a deficiência quanto a didática para o atendimento ao público.

Nesse processo de análise, e sem pretensão de apontar soluções, são apresentadas propostas que estão embasadas na análise feita das informações obtidas no estudo de caso, no projeto de ensino, na mediação da exposição e na visita aos museus e monumentos históricos de Curitiba. Assim, recomenda-se aos gestores do Museu Histórico Unicesumar que se pense no *feedback* das exposições, avaliações do público para busca de financiamento para exposições, que pode ser obtido com aplicativo a ser baixado no celular ou em papel, livros de assinaturas para quantitativo de pessoas que visitam as exposições e com sugestões para embasar novos projetos.

É preciso renovar o olhar, sensibilizar o visitante para querer saber mais sobre museu, este precisa ser mais interativo e envolvente (músicas temáticas ou som ambiente; áudio visuais-claro/escuro) (MARTINEZ, 2016). Inovar quanto a material digital fazendo linha do tempo com tela interativa sensível ao toque, sem carregar com informações. É preciso expor sobre processo produtivo da peça/exposição/catálogos digitais das exposições para destacar detalhes do que foi feito antes da exposição (VIANA, 2016).

Programas, parcerias, projetos que promovam a educação e os acervos contribuem para as alianças. Oficinas nas escolas com mapas das cidades fazendo referência de norte/sul da casa dos alunos até a escola. É interessante trabalhar com diferentes documentos históricos com as crianças, bem como adaptar/ajustar para as crianças para que essas se identifiquem com a história que vive e ainda não percebeu seu lugar, sempre valorizando o conhecimento prévio (VIANA, 2016).

Oficina de fotografia documental ajudando a valorizar a história e aprender a comparar as fotos para perceber as diferenças entre o antes e depois quanto ao progresso da cidade. Montar catálogos e levar para as escolas/professores para saberem o que tem nas exposições e levar os alunos ao museu, então estreitar os laços entre educação formal e não formal. É preciso aproximar museu/criança/comunidade, valorizar a questão sensível do visitante quando se enxergam como parte da cidade e participante da história. Criança/sociedade valorizará o patrimônio quando se sentirem inseridos na história.

É preciso ter exposições nas escolas, bem como levar alunos para o museu e fazer comparativo com exposições nos museus. O aluno passar de mero visitante e transforma-se no pesquisador, no museólogo, a disseminar a cultura local e etc. Ainda há inacessibilidade do museu à classe popular, é preciso uma museologia crítica; público como eixo da politica nacional do museu para preservação da memória a museologia precisa de outros olhares de outras áreas (CAZELLI; MARANDINO; STUDART, 2003; CURY, 2014; VIANA, 2016).

Quanto ao projeto, a mediação da exposição e a visita aos museus e monumentos históricos em Curitiba-PR resultaram em boa participação e em aprendizagem entre os participantes sobre o tema abordado.

O que se almeja ao final da visita não é especialmente a quantidade, mas a qualidade do que foi aprendido sobre a exposição, e essas interações são expressas

por meio das falas dos sujeitos envolvidos e podem evidenciar como o aprendizado se processou durante a atividade (ALLEN, 2002; GARCIA, 2006).

A educação coincide com os conceitos de socialização e endoculturação, que é o processo permanente de aprendizagem de uma cultura que se inicia com assimilação de valores e experiências a partir do nascimento de um indivíduo e que se completa com a morte, mas não se resume a estes. Essa aproximação pode ser trabalhada num sentido pedagógico uma vez que “a educação torna atual e significativa a história, pelo que todo o patrimônio histórico é educativo” (MAGALHÃES, 2013, p. 48). Promove a construção de um conhecimento sobre a ação e implementa um tipo de inteligência inerente à práxis. A avaliação da educação museal tem uma abrangência, pode ter diferentes motivações, distintas abordagens e métodos variados (CURY, 2008).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os resultados apresentados neste estudo, chega-se a conclusão que é preciso identificar alternativas para os desafios e as oportunidades no que tange às práticas educativas em museus e ao papel do mediador, de maneira que esses elementos contribuam para a construção de conhecimento em sintonia com o currículo escolar e a gestão do conhecimento.

No caso do Museu Histórico Unicesumar, por meio do seu acervo, estrutura física, conhecimento histórico e exposições temporárias, as informações repassadas ao público escolar em paralelo aos demais visitantes são importantes para se construir e preservar a História de Maringá.

O mediador deve compreender que os objetos presentes no museu devem ser mais do que somente para contemplação. Muitas vezes, o visitante pode não entender a mensagem do mesmo apenas pela contemplação, para muitos visitantes o objeto não “fala por si” e sua fruição ocorrerá com maior propriedade se o mesmo lhe causar lembranças ou gerarnarrativas,que podem, ser estimuladas pelos mediadores. É preciso perceber se o público capta a mensagem do mediador, ao mesmo tempo em que promove-se a referenciação e fruição (FABBRINI, 2008).

Quanto a função de mediador, gostar de exposições e frequentá-las regularmente, pode ser uma estratégia para o bom desempenho desse papel. Aprender novas estratégias comunicativas utilizadas por outros mediadores pode ajudar a melhorar sua abordagem e atuação perante o público que visita o museu. Neste viés, é de fundamental importância que o museu recorra ao auxílio de outras áreas do conhecimento, como no caso da gestão do conhecimento nas organizações.

Aprofundar as discussões acerca da relação entre conhecimento, interdisciplinaridade e gestão do conhecimento nas organizações, na busca por novos caminhos para a interação entre os conhecimentos, em especial na em espaços não formais de aprendizagem como o museu, auxilia na quebra de paradigmas, no rompimento de modelos mentais estagnados e promove uma visão holística sobre o processo organizacional do mesmo. Ao encontrar respaldo na sociedade do conhecimento, o processo de aprendizagem não formal passa a ser visto como parceiro para a formação de sujeitos com melhor visão de todos os

processos, o que leva a transformações importantes no âmbito da sociedade e da educação.

Estimular a gestão do conhecimento nas organizações educativas implica promover a criatividade individual e coletiva, evitar a fragmentação do conhecimento e atender as necessidades do trabalho interativo entre gestores, colaboradores e demais participantes. Neste sentido, a gestão do conhecimento pode efetivamente transformar-se em estatégia organizacional, que promove efetivamente conhecimento tácito e explícito. Assim, trabalhar no museu com a gestão do conhecimento é uma forma possível de propiciar o estimulo ao pensar e o atuar de maneira contemporânea, valorizando o papel social, a atuação e a parceria museu-comunidade.

O conhecimento produzido por meio deste estudo, pode contribuirtanto para a formação de mediadores quanto para a potencialização de seu entendimento acerca de seu papel social para a construção do conhecimento. Para tal, é preciso não só reconhecer a função educativa dos museuspara a formação de sujeitos e coletivos, mas também integrar mundo social, museu e escola de forma colaborativa.

Amadurecer o entendimento com relação ao papel da interdisciplinaridade do conhecimento para a área da Gestão do Conhecimento em organizações educativas como museus consolida o fato que não é preciso ‘reinventar a roda” mas que conhecimento e ousadia são itens necessários  para inovar com originalidade, sobretudo se a intenção é “sair da zona de conforto” no que diz respeito à construção e a gestão do conhecimento  em espaços não formais de aprendizagem.

A partir deste estudo, deixa como sugestão para novos estudos e pesquisas, como por exemplo, metodologias e estratégias para novas relações entre museus, gestão do conhecimento interdisciplinar e a aprendizagem.

## REFERÊNCIAS


ACEMA. **40 anos da Acema.** Edição comemorativa do 40º aniversário da Associação Cultural e Esportiva de Maringá. Maringá, Acema, 1987.

AGOSTINHO, S., Bispo de Hipona.**Confissões.** São Paulo: Nova Cultural, 2000. 416 p. (Os pensadores ).

ALLARD, M.; LAROUCHE, M. C.; LEFEBVRE, B.; MEUNIER, A.; VADEBONCOEUR, G. La visite aumusée. **Réseau,**p.14-19, Décembre 1995/ Janvier 1996.

ALLEN, S. Looking for Learning in Visitor Talk: A Methodological Exploration, In: Learning Conversations in Museums. **New Jersey: LEA Publishers,** 2002. p. 259-301.

ALMEIDA, A. M. Desafios da Relação museu-escola.**Comunicação& Educação**, São Paulo, (10):50 a 56, set./dez. 1997.

ALMEIDA, G. P. **Teoria e prática em psicomotricidade:** Jogos atividades lúdicas, expressão corporal e brincadeiras infantis. Rio de Janeiro: Wak 2006.160p.

ALMEIDA, S. C. D.de.**Metodologia da Pesquisa**.Maringá - PR, 2014. 97 p.

AMERICAN Association of Museus, The [AAM]. **Normas nacionales y mejores prácticas para los museos estadounidenses**. Washington: AAM, 2011.

ANTUNES, R. **Os sentidos do Trabalho.** São Paulo: Boitempo, 2005.

ARAÚJO, M. M.; BRUNO, M. C. O. (orgs.) **Amemóriadopensamento museológico contemporâneo:**documentos e depoimentos. São Paulo: Comitê Brasileiro do Icom, p. 17-19, 1995.

BACON, F. **Novo Organun.** São Paulo: Abril Cultural, 1979, Livro I. Os pensadores.

BALLONE, G.J; M. E.C - John Locke - in. PsiqWeb - Psiquiatria Geral - Internet, disponível em www.psiqweb.med.br, 2008.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BAUTZER, D**. Inovação:** repensando as organizações. São Paulo: Atlas, 2009.

BELLUZZO, R. C. B. Gestão interdisciplinar em serviços de informação. **Percursos Revista.** Florianópolis, v. 12, n. 02, p. 59 a 83, jul/dez. 2011.

BEM, R. M.; RIBEIRO JÚNIOR, D. I.. A gestão do conhecimento dentro das organizações: a participação do bibliotecário. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.11, n. 1, p. 75-82, jan./jul., 2006.

BESSA, V. C.; NERY, M. B.; TERCI, D. C. Sociedade do conhecimento. **São Paulo Perspec.** vol.17 n.3-4 São Paulo Jul./Dez. 2003.

BLATTMANN, U. BORGES, I. BERNARDES, L. L. R.Mudança organizacional e o local de trabalho: reflexões.**Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 7, n. 2, p. 240-250, 2002.

CARNEIRO, R. **Fundamentos da Educação e da Aprendizagem –** 21 ensaios para o século 21. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 2001.

CARVALHO, E. D..; SOUZA FERNANDES, R. **Memória discursiva em Manuel Bandeira:** os Desafios da Lingua: pesquisa em língua falada e escrita. DenildaMoura(Org).Maceió: Edufal, 2008.

MORI, R. C.; CURVELO, A. A. S.. DermevalSaviani'sthoughtandeducation in sciencemuseums.**Educação e Pesquisa.**São Paulo , v. 42, n. 2, p. 491-506, jun. 2016 .

CAVALCANTE,M. S. D., PINHO; M. J., ANDRADE, K. S.. Interdisciplinaridade e livro didático: interfaces (im)possíveis? **Revista do GELNE,** Natal/RN, Vol. 17 Número1/2, 2015.p. 213-234.

CAZELLI, S.; MARANDINO, M.; STUDART, D. Educação e Comunicação em Museus de Ciência: aspectos históricos, pesquisa e prática. In: **Educação e Museu:** a construção do caráter educativo dos museus de ciência. Rio de janeiro: Access, 2003. p. 83-106.

CELIA, L. S.; ANDREAZZA-BALESTRIM, C. **Interdisciplinaridade:** Abordagens Práticas. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

CHAGAS, I. Aprendizagem não-formal/formal das ciências: relação entre museus de ciências e as escolas. **Revista de Educação**, Lisboa, v. 3, n. 1, 1993. p. 51-59.

CHAGAS, M. Campo museal: redes e sistemas; anotações pessoais da palestra proferida no interior do **I Fórum Nacional de Museus de Santa Catarina**, em 13 de junho de 2005, no CIC, Florianópolis.

CHAGAS, M. S.; STUDART, D. C.; VIEIRA, A. C. M.; FARIA, A. C. G.; AMARAL, A. L.; COSTA, P. N.; SOARES, N. F. Museu e Público Jovem: Percepções e receptividades. **Revista Eletrônica Museologia e Patrimonio** – v.3 n.1 – jan/jun de 2010.

COSTA, A. F. Mediação no Museu Nacional: mediadores e visitantes na construção de diálogos entre museu, ciência e sociedade. **Seção de assistência ao ensino. Museu Nacional UFRJ**. PIBEX-UFRJ. Jan. 2013.

COUTINHO, C.; LISBÔA, E. Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem:desafios para educação no século XXI. **Revista de Educação**, Vol. XVIII, nº 1, 2011.

CURY, M. X.; SILVA, F. A. ; CARNEIRO, C. G. ; VASCONCELLOS, C. de M. ; ELAZARI, J. M. .**Seminário Museus, Identidades e Patrimônio Cultural - Programa e Resumos.** 1. ed. São Paulo: MAE/USP, 2007. v. 1. 36 p.

CURY, M. X.. Museologia: novas tendências. In: GRANATO, M.; SANTOS, C. P.; LOUREIRO, M. L. N. M. **Museu e museologia: interfaces e perspectivas**. Rio de Janeiro: MAST, 2009. p. 25-41. (MAST colloquia, 11).

CURY, M. X. Museologia e conhecimento, conhecimento museológico – Uma perspectiva dentre muitas**. Museologia & Interdisciplinaridade** Vol.1II, nº5, mai./jun. 2014.

DESCARTES, R. **Discurso do método.** 3ª tiragem (Tradução Maria Ermantina Galvão). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DAVENPORT, T. H.; PRUSAK, L. **Conhecimento empresarial:** como as organizações gerenciam o seu capital intelectual, 4. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

DÓRIA, C. Lição de coisas: da experiência à reflexão. Ações educativas em debate – aprendizagens e avaliações**. IV Seminário da RIMC-**Rede informal de museus e centros culturais de Belo Horizonte e Região Metropolitana. Set.2012.

DUARTE CÂNDIDO, M. M. D. Orientações para Gestão e Planejamento de Museus / Manuelina Maria Duarte Cândido – Florianópolis: FCC, 2014. 94 p.; il. 19 cm (**Coleção Estudos Museológicos,** v.3).

DUARTE CÂNDIDO, M. M. **Gestão de museus, um desafio contemporâneo**: diagnóstico museológico e planejamento. Porto Alegre:2ªEdição, Editora Medianiz, 2014a.

FABBRINI , R. N. A fruição nos novos museus. **Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas.**v. 11, n.19, jan./jun. 2008, p. 245-268.

FARIA, A. C. G. **O caráter educativo do Museu Histórico Nacional:** Curso de Museus e a construção de uma matriz intelectual para os museus brasileiros (Rio de Janeiro, 1922-1958). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2013.

FAZENDA, I. C. A. (Org.). **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro:** efetividade ou ideologia? São Paulo: Loyola, 1979.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade:** História, Teoria e Pesquisa. 2. ed. Campinas: Papirus, 1995.

FAZENDA, I. C. A. **Práticas interdisciplinares na escola.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2001. 147p.

FAZENDA, I. (Org.). **Dicionário em construção:** interdisciplinaridade. Brescia: Editora La Scuola, 1975. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FAZENDA, I.C.**O Que é interdisciplinaridade? /** Ivani Fazenda (org.). — São Paulo : Cortez, 2008. Vários autores. ISBN 978-85-249-1408-9.

FAZENDA, I. C.A..**Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro:** Efetividade ou ideologia. 6ª ed. São Paulo-SP: Loyola, 2011.

FIGURELLI, G. R. Articulações entre educação e museologia e suas contribuições para o desenvolvimento do ser humano.**Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio** – PPG-PMUS Unirio | MAST - vol. 4 nº. 2 – 2011.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.**8 ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

FRONZA- MARTINS, A. S.. Da Magia a Sedução: a importância das atividades educativas não-formais realizadas em Museus de Arte. **Revista de Educação (Itatiba)**, v. Vol IX, 2006, p. 71-76.

GADDIS, J. L. **Paisagens da História.**Como os historiadores mapeiam o passado. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

GALLIANO, A. G. **O método científico:** teoria e prática. São Paulo, Harbra, 2004. 200 p.

GARCIA, V.A.R. **O processo de aprendizagem no Zôo de Sorocaba:** análise da atividade educativa visita orientada a partir de objetos biológicos. 2006. Mestrado. Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo, FE/USP, Brasil. São Paulo. 2006.

GIL, A. C..**Como elaborar projetos de pesquisa.**São Paulo: Atlas, 1991.

GISELLE. **Você sabe o que faz um curador?** Fev. 2013.Disponível em: https://www.jornaldafotografia.com.br/noticias/voce-sabe-o-que-faz-um-curador/. Acesso em 02 jan. 2017.

GOHN, M. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio:avaliação e Políticas Públicas em Educação**. RiodeJaneiro, v.14 n.50, 2006, p. 27-38.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social:** atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010, 104 p.

GOMES, I.; CAZELLI, S. Formação de mediadores em museus de ciência: saberes e práticas. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências,** vol. 18, núm. 1, enero-abril, 2016, p. 23-46 Universidade Federal de Minas Gerais Minas Gerais, Brasil.

GOMES JUNIOR, W. V. **Gestão do conhecimento e mapeamento das competências.** [Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina], UFSC, Florianópolis, 2013.

GROPPO, L. A. **Autogestão, universidade e movimento estudantil.** Campinas (SP): Autores Associados, 2006. (Coleção Educação Contemporânea).

HARGREAVES, A.O **Ensino na Sociedade do Conhecimento:** a educação na era da insegurança.Coleção Currículo, Políticas e Práticas. Porto: Porto Editora, 2003.

HEIN, G.. **Learning in the Museum.**London e New York: Routledge, 1998.

JACOBUCCI, D. F. C.. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica.**Extensão,** Uberlândia, v. 17, 2008, p. 55-66.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia.** 4ª. atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

KANT, I. **Crítica da razão pura.** São Paulo: Abril Cultural, 1979, Os pensadores. (Prefácios e introdução segundo a edição “A” e “B”). Edição CalousteGulbenkian, Ed. 8, ano 2013, p.1-53.

LACOMBE, F. J. M.; HEILBORN, G. L. J. **Administração - Princípios e Tendências.** 2.ed.rev. e atualizada. – São Paulo: Saraiva, 2008.

SCHIELE, B. Lesmuséesscientifiques, tendancesactuelles.In: GIORDAN (Ed.). **Muséeset médias:**pour uns culturescientifiqueettechniquedescitoyens. Genebra : Georg Éditeur, 1997. p. 15-29.

LANDIM, J. **O que é educação formal, informal e não formal**? Disponível em: http://professorjonaslandim.blogspot.com.br/2011/10/o-que-e-educacao-formal-informal-e-nao.html. Out. de 2011.

LEAL, João Laércio Lopes.(Des)Conhecida História de Maringá: Novas Possibilidades Temáticas. **Revista Espaço Acadêmico,**nº,121, jun. 2011.

LE GOFF, J., 1924- História e memória/Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão [et al.]. 5ª ed. - Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

LEITE, M..I. Crianças, velhos e museu: memória e descoberta. **Cad. Cedes,**Campinas, vol. 26, n. 68, jan./abr. 2006, p. 74-85.

LUCK, H**. Pedagogia Interdisciplinar:** fundamentos teórico-metodológicos. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MAARSCHALK, J. Scientific literacy and informal science teaching.J Res. Sci. Teac., 25, 135-146.16Mallon, G., & Bruce, M. (1982).Student achievement and attitude in **astronomy:** An experimentalcomparison of two planetarium programs.1988.J. Res. Sci. Teac.,19, 53-61.

MARANDINO, M.. Estudando a dimensão epistemológica da pedagogia museal. **IX Congreso Internacional sobre InvestigaciónenDidáctica de lasCiencias.** Girona, 9-12 de set. 2013.

MARTIN-BARBERO, J..**Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MARTINS, M. C. (org.). **Mediação:** provocações estéticas. Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes. Pós-graduação. São Paulo, v. 1, n. 1, 2005.

MARTINEZ, C. E. P. M. **Museus universitários:** dinâmicas e perspectivas.III Congresso Internacional de Museologia. Histórias, Memórias e Patrimônios. Universidade Estadual de Maringá-UEM. set. 2016.

MASSARANI, L. (org.) **Diálogos & ciência:** mediação em museus e centros de Ciência. Organizado por Luisa Massarani, MatteoMerzagora, Paola Rodari. – Rio de Janeiro: Museu da Vida;Casa de Oswaldo Cruz;Fiocruz, 2007. 92p., il.

MEIRELLES, B. H. S.; ERDMANN, A. L. A interdisciplinaridade como construção do conhecimento em saúde e enfermagem. **Texto contexto - enferm. [online].** 2005, vol.14, n.3, pp. 411-418. ISSN 1980-265X.

MELO, D. J.; FERREIRA, L. G. Museus, ciência e tecnologia. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum.** vol.6 no.1 Belém Jan./Apr. 2011.

MENSCH, P. V.. Modelos conceituais de museus e sua relação com o patrimônio natural e cultural. In: **1ª REUNIÃO ANUAL DO ICOFOM/LAM. Transcrição: Boletim ICOFOM/ LAM**, ed. pelo grupo regional do ICOFOM para a América latina e o Caribe, ano II, n. 4/5, ago. 1992.

MOLINA, L. G.; VALENTIM, M. L. P. Memória organizacional: proposta de um modelo para implantação em instituições. **RICI: R.Ibero-amer.**Ci. Inf., ISSN 1983-5213, Brasília, v. 7, n. 2, p. 45-64, ago./dez. 2014.

MORTON, A. Tomorrow's yesterdays: science museums and the future. In: LUMLEY, R. (Ed.). **The museum time-machine.**Londres: Routledge, 1990. p. 128-143.

MOURA, S. M. de. A Educação Especial e as produções acadêmicas da década de 1970: reflexos de um contexto. **Comunicações (Piracicaba),** v. 10, p. 209-221, 2003.

MUDI. **Sobre o Mudi**. Disponível em http://www.mudi.uem.br/index.php/sobre-o-mudi-sp-2101375831. Acesso em dez. 2016.

MARANDINO, M.(org.). **Educação em museus:** a mediação em foco/Organização Martha Marandino — São Paulo, SP:Geenf / FEUSP, 2008.

MENSCH, P. V.. Modelosconceituaisdemuseusesuarelaçãocomopatrimônio natural ecultural.**Boletim do ICOFOM LAM**. RiodeJaneiro,4/5, ago. 1992.

MORAES, J. N.L. Comunicação e educação em museus: a divulgação de informações e a "poesia das coisas". **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v.7, n.1,jan./jun. 2014, 1-21.

NASCIMENTO, J. J. do; CHAGAS, M. de S. Diversidade museal e movimentos sociais. In: NASCIMENTO Júnior, José do (org.). **IBERMUSEUS 2: Reflexões e comunicações.** Brasília/DF: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2008a.

NEVES, F. M. História da Educação no Brasil– Considerações historiográficas sobre a sua constituição. In: ROSSI, E. R.; RODRIGUES, E. & NEVES, F. M. (Org.)**Fundamentos históricos da educação no Brasil.** Maringá: EDUEM, 2005.

NOGUEIRA, N.. **Museu:** espaço de conhecimento e lazer. Disponível em: «http://historiahoje.com/museu-espaco-de-conhecimento-e-lazer»Acesso em Jan 2016.

NONAKA, I; TAKEUCHI, H. **Criação do conhecimento na empresa.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. **Gestão do conhecimento.** Porto Alegre: Bookman, 2008.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. **Criação do conhecimento na empresa:** como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

NORA,P. Entre memória e história–a problemática dos lugares.Trad.YaraAun Khoury.**Revista Projeto História**,SãoPauloPUC-SP,n.10,p.7-28,dez.1993.

OLIVEIRA, G..O museu como um instrumento de reflexão social.**MIDAS – Museus e Estudos Interdisciplinares**.Fev.2013.

OAKESHOTT, M. **Sobre a História.** Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

OROFINO, K. Z; OLIVEIRA, S. R. R. Ação educacional em espaços expositivos: um conceito sustentando diferentes ações. **Revista Digital do LAV –** Santa Maria – vol. 8, n. 3, p. 73 – 95. – set./dez. 2015 ISSN 1983 – 7348

PACHECO, R. C. S., TOSTA, K. C. B. T., FREIRE, P. S. Interdisciplinaridade vista como um processo de construção do conhecimento:uma análise do Programa de Pós-Graduação EGC/UFSC. **R B P G. R B P G ,** Brasília, v. 7, n. 12, p. 136 - 159, jul. 2010.

PAULA, T. R. F. **A mediação em museus:** um estudo do projeto "Veja com as mãos". Thais Regina Franciscon de Paula. –128 f.; 30 cm. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marílis, 2012. Bibliografia: p. 118 – 122.

PAULINO, H. **Museu e escola: visitas orientadas**. Carta Educação, dez. 2015.

PAVIANI, J. **Interdisciplinaridade:** conceitos e distinções. 2. ed. Caixas do Sul: Educs, 2008.

PELEGRINI, S. As novas tecnologias, as ações educativas e a inclusão social nos espaços museais. **III Congresso Internacional de Museologia. Histórias, Memórias e Patrimônios.** Universidade Estadual de Maringá-UEM. Set. 2016.

PINTO, J. R.. O papel social dos museus e a mediação cultural: conceitos de vygotsky na arte-educação não formal. **Palíndromo** Nº 7 /2012 – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – CEART/UDESC .

POLÍTICA d**e Aquisição e Descarte de Acervos**. Museu da abolição, jan. 2017. Disponível em: http://museudaabolicao.museus.gov.br/acervos/politica-de-aquisicao-e-descarte/. Acesso em 09 jan.2017.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAMOS, F. R. L. **A danação do objeto:** o museu no ensino de história. Ed. Argos: Chapecó. p.178, 2004.

RIVIÈRE, G. H.. **La museologieselon Georges Henri Rivière**. Paris: Bordas, 1989. 402 p. + 72 p. não paginadas [entre as páginas 26-27; 88-89; 324-325; 370-371].

RIBEIRO , L. B., DODEBEI , V., ORRICO , E. G. D. Memórias afetivas: como lembrar e representar a informação. **XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB)** ISSN 2177-3688. Informação, Memória e Patrimônio: do documento às redes. 26 a 30 de out. 2015.

RIBEIRO, V. M. B.; RIBEIRO, A. M. B. A aula e a sala de aula: um espaço-tempo de produção de conhecimento.**Rev. Col. Bras. Cir.[online].** 2011, vol.38, n.1, pp. 71-76.ISSN 0100-6991.

RODRIGUES, A. W. **História, Historiografia e Ensino de História em relação dialógica com a Teoria da Complexidade.** Clube dos autores. 3 ed. São Paulo, p. 100, 2011.

ROSA, N. S. S.; SCALÉA, N. S.. **Arte-educação para professores –** Teorias e práticas na visitação escolar. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 2006.

SANT'ANA, D. M. G. etal..Avaliação do aprendizado ocorrido em oficinas sobre células por intermédio da lembrança estimulada. **EDUCERE - Revista da Educação**, v. 8, n 1, p. 19-29, jan./jun. 2008.

SANTAELLA, L. **A ecologia pluralista das mídias locativas**. Disponível em: http://www.cencib.org/simposioabciber/anais/mesas/pdf/Lucia_Santaella.pdf. Acesso em 02 de jan. 2017.

SANTOS, D. de A.. **Um estudo sobre o impacto causado pela interação museu-escola na relação professor-aluno nas aulas de física**. Universidade Federal de Itajubá programa de pós-graduação em ensino de ciências – mestrado profissional. Fev. 2015.

SANTOS, N. **A sociedade do conhecimento.** Florianópolis: UFSC, 2005. Texto baseado na tese de Gabriela Gonçalves Silveira Flates.

SÁPIRAS, A. **Aprendizagem em Museus:** uma análise das visitas escolares no Museu Biológico do Instituto Butantan. Mestrado. Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo, FE/USP, Brasil. São Paulo. 2007.

SENGE, M. P. **A Quinta Disciplina** - a arte e prática da organização que aprende - 29ª Ed. 2013, Rio de Janeiro, Best Seller.

SILVA, A. C. L. F. **Algumas reflexões sobree a santidade, o gênero e a memória.**Fábio de souza Lessa e Regina Maria da Cunha Bustamente (organizadores). Memória&festa**.** Rio de Janeiro:Mauad, 2005.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** 4 ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, l. A. ; LIMA,R. Jacques Le Goff: estudo de conceitos em história da educação**. IX Congresso Nacional de Educaçã – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia** – 26 a 29 de outubro de 2009 – PUCPR.

SOUZA, D. B. L. **Gestão do Conhecimento nas Organizações:** desafios e oportunidades. Estação Científica, Juiz de Fora, n. 03, out. 2006.

SOUZA, M. P. **Do templo ao fórum:** o perfil do mediador em museus e instituições culturais de Porto Alegre. Monografia(Graduação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de museologia. Porto Alegre, 2012.

SOUZA, M. J. A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. **Revista Graphos**, vol. 16, n° 1, 2014 | UFPB/PPGL | ISSN 1516-1536 1.

STRÁNSKÝ, Z.Z.. Museologia - ciência ou apenas trabalho prático? (1980). **Revista Museologia e Patrimônio,** v.1, n.1, 2008, p.101-105.

SVEIBY, K. E. **Gestão do conhecimento:** as lições dos pioneiros. Global Brands? Sveiby Associados, 2001.

TAVARES, R. M. M. **Ideologia, Atuação Museológica e Desenvolvimento Latino-Americano.** In: SCHEINER, Tereza (org.). Museologia, Sociedade, Patrimônio e Desenvolvimento Sustentável. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005, p. 47-49. (Caderno de Texto 01).

TEIXEIRA FILHO, J. **Gerenciando conhecimento.** Rio de Janeiro: SENAC, 2000.

TERRA, J. C. C. **Gestão do conhecimento**: o grande desafio empresarial. 3. ed. São Paulo: Negócio Editora, 2001.

TIMOTHY, M. **Gestão Museológica:** Desafios e Práticas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: British Council: [fundação] Vitae, 2004.

VALENTE, M. E. **A Conquista do Caráter Público dos Museus.** In: Martha Marandino; Guaracira Gouvêa; Maria Cristina Leal. (Org.). Educação e Museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciência. Rio de Janeiro: Editora Access, 2003, p.21-45.

VIANA, K. M. As novas tecnologias, as ações educativas e a inclusão social nos espaços museais. **III Congresso Internacional de Museologia. Histórias, Memórias e Patrimônios.** Universidade Estadual de Maringá-UEM. Set. 2016.

VIDAL, L. M. **Processo de Trabalho na Prática Gerencial:** desafios para um novo „fazer‟ em Saúde da Família. 2010.211 p. Dissertação em Enfermagem. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Departamento de Saúde – Programa de Pós- Graduação em Enfermagem e Saúde. Jequié - BA. 10 de dezembro de 2010.

VYGOTSKY, L. S.**A formação social da mente. 6**. ed. Trad. José Cipolla Neto, Luis S. M. Barreto e Solange C. Afeche. São Paulo: M. Fontes, 1998.

VON SIMSON, Olga R. M.; PARK, Margareth B.; FERNANDES, Renata S. (orgs) **Educação não-formal:** cenários da criação. Campinas: Editora da UNICAMP/ Centro de memória, 2001.

ZABOT, J. M., SILVA, L. C. M. **Gestão do Conhecimento:** aprendizagem e tecnologia: construindo a inteligência coletiva. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

WERNECK, V. R. Sobre o processo de construção do conhecimento: O papel do ensino e da pesquisa. **Ensaio: aval. pol.públ. Educ.,** Rio de Janeiro, v.14, 2006.

WISSMANN, L. D. M. Recursos tecnológicos. **Revista do Professor,** ano XVIII-nº. 71:Ed. CPORC, Porto Alegre, 2002.

# ANEXOS

**Anexo 1: Roteiro para entrevista semi-estruturada com Diretora**

1) Qual a missão do Museu Histórico Unicesumar?

2) O que o museu dispõe quanto a equipe, acervo, estrutura física e organizacional para atender os visitantes atinge a missão do museu?

3) O que é feito e como é feito para atingir essa missão?

4) O que você entende por mediação?

5) O Museu Histórico Unicesumar tem mediador para acompanhar os visitantes? Como ocorre essa mediação?

6) Com relação ao espaço físico do museu em si, você o considera como um espaço que possibilita mediação aos visitantes?

7) Como o museu cumpre seu papel de mediador de cultura?

8) Que tipos de trocas ocorrem com a sociedade local quanto aos trabalhos desenvolvidos no museu?Como é feito o registro disto?
.

9) A mediação valoriza e amplia a visão socioeducativa dos visitantes? Como você mede/mensura isto?

10) Os mediadores do museu estão preparados, no sentido de formação profissional e conhecimento sobre o acervo museológico, para enfrentar o desafio de informar os visitantes?

11) Como são atendidas as dúvidas e demandas educacionais durante as visitas guiadas? Individual ou visita coletiva?

12) Qual maior dificuldade encontrada na mediação neste museu?

13) É necessária a formação de mediadores/curadores museais?

14) O quadro de pessoas interfere na gestão organizacional e no planejamento do museu?

15) As ações educativas desempenhadas em espaços museológicos contribuem para a construção do conhecimento?

16) De que forma pode se pensar em ações mediadas quando estas não existem no museu?

17) Quais as principais ações educativas desenvolvidas aqui no museu Unicesumar?

**Anexo 2: Roteiro para entrevista semi-estruturada com Coordenadora**

1) Qual a missão do Museu Histórico Unicesumar?

2) O que o museu dispõe quanto a equipe, acervo, estrutura física e organizacional para atender os visitantes atinge a missão do museu?

3) O que é feito e como é feito para atingir essa missão?

4) O que você entende por mediação?

5) O Museu Histórico Unicesumar tem mediador para acompanhar os visitantes? Como ocorre essa mediação?

6) Com relação ao espaço físico do museu em si, você o considera como um espaço que possibilita mediação aos visitantes?

7) Como o museu cumpre seu papel de mediador de cultura?

8) Que tipos de trocas ocorrem com a sociedade local quanto aos trabalhos desenvolvidos no museu? Como é feito o registro disto?

.

9) A mediação valoriza e amplia a visão socioeducativa dos visitantes? Como você mede/mensura isto?

10) Os mediadores do museu estão preparados, no sentido de formação profissional e conhecimento sobre o acervo museológico, para enfrentar o desafio de informar os visitantes?

11) Como são atendidas as dúvidas e demandas educacionais durante as visitas guiadas? Individual ou visita coletiva?

12) Qual maior dificuldade encontrada na mediação neste museu?

13) É necessária a formação de mediadores/curadores museais?

14) O quadro de pessoas interfere na gestão organizacional e no planejamento do museu?

15) As ações educativas desempenhadas em espaços museológicos contribuem para a construção do conhecimento?

16) De que forma pode se pensar em ações mediadas quando estas não existem no museu?

17) Quais as principais ações educativas desenvolvidas aqui no museu Unicesumar?

## Anexo 3: Roteiro para entrevista semi-estruturada com mediadores

1) Quanto tempo trabalha no museu?

2) Você se identifica com o que faz?

3) O que mais te encanta no museu?

4) O que você entende por mediação em espaços museais?

5) Que tipo de mediação conhece, vivencia e experimenta fazer?

6) Vê o papel do mediador como uma profissão para ti?

7) Sua formação de base oferece subsídios para o desenvolvimento do papel de mediador?

8) Qual maior dificuldade encontrada na mediação neste museu?

9) É necessária a formação de mediadores/curadores museais?

10) Você faria algum curso para se capacitar quanto ao papel de mediador?

11) Acredita que as ações educativas desempenhadas em espaços museológicos contribuem para a construção do conhecimento?

12) De que forma pode se pensar em ações mediadas quando estas não existem no museu?

## Anexo 4: Questionário aplicado aos visitantes

Prezado entrevistado,

Este questionário faz parte da pesquisa de Mestrado em Gestão do Conhecimento nas Organizações pela UNICESUMAR, Maringá - PR, que tem como objetivo analisar sob a perspectiva das práticas educativas e o papel do mediador/curador para a promoção das aprendizagens na construção do conhecimento em espaço museológico não formal.

Responda da forma mais próxima à sua realidade, além disso, é garantido sigilo total quanto às informações prestadas.

Dados Pessoais

1) Idade: _____

2) sexo ( )F ( )M

3) Qual sua escolaridade?

4) Experiência com visitação em museus?

5) Qual a freqüência de visitas aos museus?

6) O que mais te encanta no museu?

7) Prefere visitas no museu com acompanhamento de mediador ou sozinho para apreciar melhor o acervo? Por quê?

8) Visitas no “formato mediado” ampliaou não a visão socioeducativa e culturral dos visitantes?

# APÊNDICES

## Apendice 1: Autorização do local de pesquisa

**DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DO LOCAL**

**Maringá / PR**,15 / 03 / 2016.

**Ilma Sr.ª**
Loide Caetano
Diretora do Museu Histórico Unicesumar
**UNICESUMAR – Centro Universitário Cesumar**

PrezadaDiretora,

Eu, Loide Caetano declaro, a fim de viabilizar a execução do projeto de pesquisa intitulado **"PRÁTICAS EDUCATIVAS EM ESPAÇO MUSEOLÓGICO: OUTRO OLHAR SOBRE A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO"**, sob a responsabilidade das pesquisadorasValdelice dos Anjos Rasimaviko Rejani e Regiane da Silva Macuch viabilizando a produção de dados da pesquisa citada, para que se cumpram os objetivos do projeto apresentado.

Esperamos, outrossim, que os resultados produzidos possam ser informados a esta instituição por meio de Relatório anual enviado ao CEP ou por outros meios de praxe.

De acordo e ciente,

Caetano - CPF 485.958.459-72

**Assinatura do responsável**
Loide Caetano, CPF ou CR.
**Carimbo ou marca d'água do Diretor ou responsável pela Instituição (escola, clínica, indústria, hospital e demais)**

**Apendice 2:** TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

## “O PAPEL DO MEDIADOR NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS EM ESPAÇO MUSEOLÓGICO PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO”

Declaro que fui satisfatoriamente esclarecido pelas pesquisadoras Valdelice dos Anjos RasimavikoRejani e Regiane da Silva Macuch, em relação a participação no projeto de pesquisa intitulado “O PAPEL DO MEDIADOR NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS EM ESPAÇO MUSEOLÓGICO PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO”, cujo objetivo é analisar sob a perspectiva das práticas educativas e o papel do mediador/curador para a promoção das aprendizagens na construção do conhecimento em espaço museológico não formal. Os dados serão coletados por meio de observações, entrevistas e questionários. Estou ciente e autorizo a realização dos procedimentos acima citados e a utilização dos dados originados destes procedimentos para fins didáticos e de divulgação em revistas científicas brasileiras ou estrangeiras contanto que seja mantido em sigilo informações relacionadas à minha privacidade, bem como garantido o direito de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento de dúvidas acerca dos procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, além de que se cumpra a legislação em caso de dano. Caso haja algum efeito inesperado que possa prejudicar meu estado de saúde físico e/ou mental, poderei entrar em contato com o pesquisador responsável e/ou com demais pesquisadores. É possível retirar o meu consentimento a qualquer hora e deixar de participar do estudo sem que isso traga qualquer prejuízo à minha pessoa. Desta forma, concordo voluntariamente e dou meu consentimento, sem ter sido submetido a qualquer tipo de pressão ou coação.

Eu, **(sujeito participante da pesquisa)** , após ter lido eentendido as informações e esclarecido todas as minhas dúvidas referentes a este estudo com a Pesquisadora.

Maringá, 26/04/2016.

Eu**,** **Valdelice dos Anjos RasimavikoRejani** declaro que forneci todas as informações referentes ao estudo ao sujeito da pesquisa.

Para mais esclarecimentos, entrar em contato com as pesquisadoras nos endereços abaixo relacionados:

Valdelice dos Anjos RasimavikoRejani

Regiane da Silva Macuch

| | | | |
|---|---|---|---|
| Endereço: | Av.Guedner, 1.610 | | |
| Bairro: | Jardim Aclimação | | |
| Cidade: | Maringá | UF: | PR |
| Fones: | (44) 3027-6360 (Secretaria dos mestrados) | | |
| e-mail: | valdelicearr@gmail.com | | |
| e-mail: | regiane.macuch@unicesumar.edu.br | | |